

VICTORIA CECILIA LAURA SIÑANI

BOLIVIANOS NO BRASIL
A SITUAÇÃO DE ESCRAVIDÃO DOS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO-BRASIL

SÃO PAULO

2007

VICTORIA CECILIA LAURA SIÑANI

BOLIVIANOS NO BRASIL
A SITUAÇÃO DE ESCRAVIDÃO DOS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO-BRASIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito final no curso de Bacharel em
Teologia da Faculdade Teológica Batista de
São Paulo.

Orientador. Prof. Vanderlei Gianastasio

SÃO PAULO

2007

VICTORIA CECILIA LAURA SIÑANI

BOLIVIANOS NO BRASIL

A SITUAÇÃO DE ESCRAVIDÃO DOS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO-BRASIL

BANCA EXAMINADORA

Prof. Vanderlei Gianastacio

Prof. Jorge Pinheiro

Profa. Madalena Molochenco

SÃO PAULO

2007

DEDICATÓRIA

A igreja de Deus,

Onde tive a oportunidade de experimentar mais de perto, o amor por Sua obra.

A meu marido Isaac,

Pelo seu apoio constante em meus trabalhos.

Aos Bolivianos,

Que foram os principais protagonistas deste trabalho.

Agradecimento de coração

A Deus pela sabedoria, força e amparo

A meu marido, pelo seu amor, compreensão, paciência e por tolerar minhas ausências.

Ao Prof. Vanderlei, meu orientador, pela sua paciência, com minhas dificuldades com a
língua portuguesa.

A meu Pastor, por dar-me todo seu apoio, confiança e certeza, nos momentos difíceis durante
o curso na faculdade.

E a minha amiga Sueli, por sua grande colaboração, na montagem do meu trabalho.

RESUMO

A proposta é mostrar dentro do âmbito social uma situação irregular pouco conhecida pelo povo Brasileiro, a realidade social de imigrantes Bolivianos radicados na cidade de São Paulo, a raiz da ilegalidade, foram submetidos a viver uma vida escravo, essa situação apela a justiça social, que é declarada pela lei brasileira e pelos grandes estudiosos da Bíblia como são o teólogo René Padilla e Samuel Escobar, considerando que no antigo testamento o profeta Amós trata do mesmo assunto os três analisaram desde pontos diferentes o conceito de justiça social chegando ao mesmo consenso. A injustiça do qual está sendo comentado foi conhecida por algumas Igrejas, no qual teve cristãos que se mobilizaram no sentido de fazer ação social, alguns foram aprofundando no assunto até conhecer mais de perto, que foi o caso de um casal, por outro lado é importante lembrar que a ação social foi uma tarefa que Jesus Cristo deixou como tarefa da igreja além de evangelizar, para assim cumprir com aquilo que Deus tinha encomendado ao povo através de Jesus Cristo seu Filho.

Palavras chave: Bolivianos escravos, injustiça social, responsabilidade social, missão da Igreja, Jesus e sua missão.

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ÀS FONTES.....	12
1.1. Registro de jornais.....	12
1.1.1. Rede social de justiça e direitos humanos.....	12
1.1.2. O jornal Brasil de Fato.....	13
1.1.3. O Estado de São Paulo.....	15
1.2. Registro de revistas.....	16
1.2.1. A Revista Época, um caso de tuberculose.....	16
1.2.2. A Revista Problemas Brasileiros.....	18
1.3. Registro de outros meios de comunicação.....	19
1.3.1. Redação feita pela P.U.C.....	19
1.3.2. Jornal Sem Terra.....	20
1.3.3. Redação feita pela Universidade de São Paulo.....	20
1.3.4. Folha Presença Latina.....	22
1.3.5. Diferente.....	24
2. CONCEITO DE JUSTIÇA SOCIAL.....	26
2.1. Conceito de Justiça social segundo René Padilla.....	26
2.1.1. Os desafios sociais da Igreja.....	26
2.1.2. Os desafios eclesiais da Igreja.....	27
2.1.3. O segundo congresso Latino Americano de Evangelização.....	28
2.2. Amós e seu contexto de vida e o conceito de justiça social.....	31
2.2.1. Escravidão no antigo oriente.....	32
2.2.2. A posição de Koch e de Fendler sobre o pensamento de Amós.....	33
2.2.3. A base de Amós para a justiça social.....	34
2.3. A proposta de Amós e de René Padilla para justiça social.....	35
2.3.1. A proposta de René Padilla.....	35
2.3.2. A proposta de Amós.....	36
2.3.3. Justificativa do conceito de Justiça social.....	37
3. A MISSÃO DA IGREJA.....	39
3.1. A missão da Igreja para com a sociedade.....	39
3.1.1. Missões, tarefa da igreja local.....	42
3.1.2. Igrejas evangélicas na cidade de São Paulo.....	44

3.2. Igrejas evangélicas que estão trabalhando com Bolivianos.....	45
3.2.1. Fazendo evangelismo.....	46
3.2.2. Atendendo a necessidade de saúde dos Bolivianos.....	46
3.2.3. Ajudando no seu desenvolvimento social.....	48
3.3. Jesus e sua missão social.....	49
3.3.1. Os cristãos e a responsabilidade social.....	50
3.3.2. O evangelho social.....	52
3.3.3. Conclusão.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS

OMS	-	Organização Mundial de Saúde.
PUC	-	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
TCC	-	Trabalho de Conclusão de curso.
CLT	-	Consolidação das leis do trabalho.
MPT	-	Ministério Público de trabalho.
TV	-	Televisão.
AT	-	Atos.
CLADE	-	Congresso Latino-Americano de Evangelização.
Ex	-	Êxodo.
Sl	-	Salmos.
Ap	-	Apocalipse.
Ef	-	Efésios.
UBS	-	Unidade Básica de Saúde.
EBD	-	Escola Bíblica Dominical.
IBUB	-	Igreja Batista Unidas do Brás.
Gl	-	Gálatas.
Rm	-	Romanos.
Tg	-	Tiago.
Mt	-	Mateus.
Mr	-	Marcos.

INTRODUÇÃO

O fenômeno das migrações está cada vez mais presente no mundo globalizado. São milhões de pessoas que normalmente emigram dos países pobres para os ricos - A migração, atualmente, é uma realidade planetária, foi e continua sendo um fato marcante na história enriquecendo os países e a humanidade como um todo com sua pluralidade cultural, apesar das dificuldades.

O caso dos imigrantes bolivianos em São Paulo tem muito a ver com um fato social, que è a vida escrava que eles levam, o trabalho será feito justamente embace a eles, já que o assunto apresentado envolve todas as pessoas de nacionalidade Boliviana.

Vivem em São Paulo em torno de 200 mil bolivianos, mas, como vivem estes imigrantes? Há um grande debate em torno desta situação. E é por isto que o tema merece ser aprofundado. Segundo testemunhas, as pessoas são recrutadas na Bolívia com anúncios de rádio e jornais antes de chegarem ao Brasil.

O seguinte trabalho pretende enfocar um caso de injustiça no âmbito social na cidade de São Paulo. No primeiro capítulo se mostrará como muitos meios de comunicação se preocuparam por fazer saber ao povo brasileiro a situação que os bolivianos estão vivendo, o tema principal é a escravidão dos Bolivianos, uma realidade que será comprovada por todos os relatórios feitos por jornalistas, estudantes das faculdades e mesmo por pesquisadores de trabalho social.

No segundo capítulo se abordara o assunto a partir de pensamentos teológicos, buscando conceitos referentes ao tema de justiça social e responsabilidade social, para isso se levantara uma pesquisa referente ao pensamento de um grande teólogo conhecido por todos como é o caso de René Padilla, notável personagem no meio evangélico, sabendo que participou em grandes congressos de evangelização como por exemplo no Pacto de Laussane.

Assim mesmo se procurará mostrar Biblicamente que também e um fato que aconteceu nos tempos antigos, especificamente se trabalhara encima do livro de Amós, já que e um livro que contém fatos de opressão, escravidão e abusos humanos exagerados.

No terceiro capítulo propõe-se mostrar que a Igreja esta relacionada com este caso de injustiça social, para isso se recorrea ao teólogo missionário Samuel Escobar, neste capítulo se aprofundará o conceito de Igreja e responsabilidade social.

Por outro lado se mostrará satisfatoriamente que há uma Igreja evangélica trabalhando no campo de ação social, cujos membros chegaram a conhecer o assunto, se poderá conhecer que o trabalho esta sendo de grande ajuda para muitos Bolivianos.

Finalizando o tema, se mostrará como Jesus encara essa situação dentro do seu contexto de vida, ao mesmo tempo através dele pode-se conhecer a verdadeira missão que foi encomendada à igreja como povo de Deus.

O objetivo, deste trabalho é dar a conhecer um fato de injustiça social que está sendo desenvolvido na atualidade. Existe a possibilidade de que o povo cristão possa fazer alguma coisa ao respeito já que a situação não acaba aí, ainda se conhece muitos casos que atentam contra a vida de estes estrangeiros.

A metodologia que será usada e justamente pesquisa de campo, é pesquisa bibliográfica, será necessário procurar pessoas que de alguma maneira conheçam o assunto, mais ao mesmo tempo se procurará dar um apoio de estudiosos na matéria, a fim de dar seriedade ao assunto.

1. AS FONTES.

As informações que serão citadas nos seguintes capítulos, ajudarão em certo sentido a conhecer mais de perto o aspecto da situação de escravidão dos Bolivianos no Brasil, um fato real, que aparentemente é desconhecido para muitos, porém, uma realidade que alcançou espaço em muitos jornais e revistas e chamou atenção de instituições que de alguma maneira, deram uma significativa importância aos fatos, nos meios de comunicação.

1.1.Registro dos Jornais.

Entre os meios de comunicação que mais circulam está o jornal, pois além de circular com uma grande variedade, é considerada de fácil acesso, a população em geral. Nos últimos cinco anos, nota-se que foi de grande importância para os jornalistas a situação dos Bolivianos em São Paulo, Brasil, pois perceberam que existe uma vida tristemente real, em meio a uma comunidade estrangeira, como prova disto, conheceremos alguns desses jornais e o que dizem respeito deste assunto:

1.1.1. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.

A partir de uma entrevista com seis Bolivianos, realizada por Evanize Sydow¹ diz: ‘Os Bolivianos trabalhadores estão em São Paulo há bastante tempo, 3, 4, 8 anos. Todos vieram pelo mesmo motivo: tentar ganhar um pouco mais de dinheiro e viver em melhores condições, já que o trabalho na Bolívia é extremamente escasso e, pior ainda, para aqueles que não conseguem ter uma faculdade’.

Na entrevista, eles também dizem que o objetivo não é ganhar dinheiro para guardar, mas ter uma vida um pouco melhor. Muitos aprenderam a costurar aqui, com o dono da confecção; outros já trabalhavam nesse ramo na Bolívia, em situação muito ruim. Ficaram bastante tempo sem seus documentos, o que os obriga a trabalhar ainda mais, para pagar os débitos contraídos com os atravessadores e donos de oficina. Na sua entrevista, Sydow também lhes fez uma pergunta, referente à situação de qualidade de vida ou a melhora na sua situação, foi interessante, pois a resposta foi a mesma de forma geral: “Se pudessem pedir alguma coisa ao

¹ Evanize Sydow é jornalista da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos e participou como pesquisadora do levantamento feito pela Organização Internacional do trabalho para a composição de um banco de dados sobre o trabalho escravo no Brasil. Site: www.social.org.br - 2003

governo brasileiro, seria no sentido de que fossem facilitadas as condições para a legalização da permanência no país”.

A maioria diz que as condições de trabalho aqui no Brasil, apesar de tudo, são melhores do que na Bolívia. Nem todos os bolivianos conhecem casos de trabalho escravo; e não se reconhecem como trabalhadores escravos.

Na procura de conhecer mais de perto a vida diária dos Bolivianos, a jornalista descobriu que eles costumam trabalhar das 6h às 23h ou das 7h às 24h e ganham entre R\$ 200 e R\$ 400, valor esse difícil de ser alcançado mensalmente. Moram num quarto pequeno, no próprio local de trabalho. São “quartinhos” de 2,00m x 1,50m que abrigam o trabalhador, sua família e a máquina de costura, sem contar o espaço que se necessita, para colocar a roupa que é produzida, (em alguns casos, o quarto e a oficina ficam em ambientes diferentes). Os colchões são enrolados durante o dia para começar a trabalhar, e à noite, quando vão dormir, o local se transforma em dormitório. As roupas por eles confeccionadas, depois de prontas, são normalmente entregues aos coreanos que têm lojas de roupas baratas.

Assim, como se pode verificar, realmente é uma situação crítica, observemos o que diz em outra reportagem:

1.1.2. O Jornal Brasil de Fato.

Com o título de: “Bolivianos, Escravos no Brasil”, a entrevistadora Tatiana Merlino², destaca que existe uma situação irregular, de clandestinidade. Na sua descrição conta, que os estrangeiros sofrem ainda mais do que os escravos do campo, pois não têm como recorrer ao Ministério do Trabalho.No Jornal é descrito o seguinte:

‘Precisa-se de costureiros para trabalhar no Brasil. Salário de 300 dólares por mês, com direito a moradia e alimentação’. Um anúncio semelhante a esse atraiu Jorge e Maité, que acreditaram ser essa a maneira de sair da miséria em que eles estavam acostumados na periferia de La Paz, capital da Bolívia. Venderam todos os móveis que tinham e partiram rumo ao Brasil. Aqui, contudo, não saíram da miséria.

Jorge só compreendeu o que estava acontecendo quando ele e sua esposa demoraram quatro meses para pagar uma dívida que tinham com o coiote (agenciadores), trabalhando duro, das sete da manhã até meia-noite. ‘Às vezes, até três da manhã, morando num lugar muito ruim’, conta. Se soubesse que a vida seria assim, Maité nunca teria vindo. Mas era tarde demais. O casal procurou outra fábrica. Depois de dois meses de trabalho, nada a receber. Brigaram com os empregadores e procuraram uma terceira fábrica. A mesma coisa. Na quarta, apareceu um tumor no pescoço de Jorge. Feita a cirurgia, descobre-se que decorria de tuberculose ganglionar. Maité também contraiu tuberculose.

² Tatiana Merlino, e jornalista do jornal Brasil de Fato, Jornal Brasil de Fato 26/09/2005.

Com dificuldade de trabalhar, Jorge foi agredido pelo dono da confecção, também boliviano, e o casal foi expulso da fábrica. Eles foram acolhidos pela Casa do Migrante, onde vivem a quatro meses, e estão em tratamento de saúde. (MERLINO, 2005)

Uma vez constatado que a situação da escravidão é bem latente, a jornalista, também comenta que os Bolivianos de forma geral entram ilegalmente no Brasil para trabalhar em pequenas confecções da cidade de São Paulo, em condições comparáveis ao que os defensores de direitos humanos chamam de escravidão moderna.

A entrevistadora afirma também que, isto é possível, porque eles são atraídos para a escravidão, pelas falsas promessas de bons salários feitas por coitotes, por meio de anúncios em jornais e rádios bolivianos, motivo pela qual o assunto é constante.

Ao que parece tudo indica que além de levar uma vida de quase escravavidão, também são forçados a viver clandestinamente, não porque sejam obrigados por outros, se não por eles mesmos.

De maneira surpreendente ela acha um caso de egoísmo no meio dos bolivianos, enquanto no interior do país, o trabalho forçado, envolve geralmente os próprios brasileiros, na cidade de São Paulo, no entanto e “infelizmente”, são os próprios compatriotas que os exploram, lamenta Padre Pattussi³. Ou seja, as confecções costumam ser dirigidas por gerentes bolivianos, que trabalham para lojistas coreanos.

De acordo com o Padre da Pastoral do Migrante, o mundo do imigrante está piorando e ele está se tornando egoísta. "Antes, os imigrantes procuravam se unir para ser fortes. Agora, querem ser ricos para ser fortes. A exploração vem gerando uma eterna repetição de experiências ruins", observa o Padre Pattussi. Prova disso, foi o que Maité e Jorge ouviram de seus empregadores bolivianos, ao questionarem as condições de trabalho a que foram submetidos: "Nós sofremos, vocês também têm que sofrer". Para eles, isso é apenas uma maneira de sobreviver imposta pela situação, esqueceram suas raízes e seu patriotismo, o importante é ganhar a vida à custa de qualquer coisa. Esse tipo de atitude em meio a comunidade Boliviana, é bem latente, porque continuam chegando mais Bolivianos para trabalhar e serem “escravos”, quem sabe que destino os espera, diz o Padre Pattussi.

No seguinte relato o jornal conta a origem desta situação, e como os Bolivianos conseguiram vir para o Estado de São Paulo.

³ Padre Pattussi é Padre da Pastoral do migrante na Igreja Nossa Senhora de La Paz, quem por sua vez e uns dos primeiros a oferecer ajuda para os Bolivianos, através da Igreja.

1.1.3. O Estado de São Paulo.

No dia 12 de março de 2006, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou uma matéria intitulada: "Brasil, a América dos Bolivianos". Nela, a jornalista Luciana Garbin⁴ aborda as estratégias e as rotas de entrada no Brasil, as imagens que os bolivianos têm sobre o país, bem como os meandros da clandestinidade na cidade de São Paulo.

Garbin descreve que existem redes de agenciamento de mão de obra na Bolívia, em cidades como La Paz, de onde vem grande parte dos bolivianos que vivem em São Paulo, e em Santa Cruz de La Sierra, cidade mais próxima do Brasil e, portanto, última etapa antes da saída do país. O custo da viagem pode variar, dependendo do trajeto escolhido. Para quem opta pela entrada por Corumbá, (Matto Grosso), pode custar cerca de US\$ 120. Porém, o risco de ser detido por um agente federal é maior.

Para quem escolhe a rota do Paraguai terá que enfrentar uma longa e exaustiva viagem até chegar a Ciudad Del Leste, para depois cruzar a fronteira e entrar no Brasil por Foz do Iguaçu (Paraguai). O custo desse trajeto pode chegar a US\$ 160.

Ela relata também que as relações de trabalho são interrompidas de modo geral, quando o empregador não cumpre as promessas feitas aos costureiros, particularmente não lhes pagando os seus salários durante vários meses. Nesse caso, a única saída é buscar ajuda em alguma instituição, entre elas a Pastoral do Migrante. Em alguns casos, a exploração chega ao seu limite, transformando-os em escravos. O esquema de subjugação imposta pelos donos de oficinas de costura, consiste na retenção dos seus documentos, na proibição de sair nos fins de semana e no exaustivo regime de trabalho imposto aos trabalhadores(as), com o único propósito de ganhar as custas deles.

Segundo a Pastoral do Migrante, o número de mulheres em condições servis tem aumentado nos últimos anos nas oficinas de costura, incluindo os casos de violência física contra elas.

Como se pode ver, o problema começa na Bolívia, muitos são enganados em seu próprio país. Por acreditarem que levariam uma vida melhor, caíram numa cilada.

O jornal, *O Estado de São Paulo*, publicou outro caso, de trabalho duro e sofredor como descreve a jornalista:

Bastam alguns minutos de conversa para surgirem detalhes da vida dura de muitos bolivianos em São Paulo: horas e horas de trabalho diante de

⁴ Luciana Gardin, e jornalista do Estado de São Paulo. Publicou dentro do noticiário "Seleção Diária de Notícias Nacionais".

máquinas de costura, medo de serem flagrados sem documentos pela polícia, humilhação por serem chamados de escravos. (LUCIANA GARDIM, 2006).

Grande parte da reportagem aborda o assunto de uma mulher de 28 anos, que foi trazida para trabalhar em São Paulo por uma conterrânea que lhe pagou a passagem e cobrou depois em dois meses de serviço. O primo já tinha vindo, a irmã também, conta ela, assim se animou. Disseram para ela que ganharia o dobro aqui. Mas, quando chegou, tudo era muito estranho e diferente das promessas feitas a ela. Era um trabalho muito explorador. ‘Para tirar algum dinheiro, ela tinha que ficar direto em frente à máquina’.

Segundo esta informação, a mulher trabalhava das 6 à meia-noite, de segunda a sexta-feira e sábado até meio-dia, no domingo livre, conta que só pensava em dormir, o pagamento que ela recebia era bem baixo, pagavam-lhe R\$ 0,02 por entretela colocada em punhos e golas de camisa. Após meses de trabalho, já conseguia aprontar 1.500 peças por dia, e chegou a ganhar R\$ 600,00 de salário, o que significa que em um mês passaram por suas mãos 30 mil peças. Como outros companheiros, sem documentos como ela, a entrevistada Lídia relatou a reporter que dormia na própria oficina, no Bom Retiro, e começava a trabalhar antes mesmo de tomar café. ‘Acordava às 05h50min, um banho rápido e ficava pronta para começar o seu dia a dia’.

1.2. Registro de Revista.

Assim, através destas informações, pode-se constatar que a escravidão dentro da comunidade Boliviana, é realmente cruel, apesar de serem poucas as entrevistas feitas aos Bolivianos, todos deram à mesma resposta, mesmo assim, não nos limitaremos a este meio de comunicação, dando continuidade a estas informações, poderemos observar que a revista também participou desta pesquisa.

Dentro das fontes de informação referentes ao tema, as revistas também participam e de forma paralela, mas com a mesma importância, enfocar uma situação irregular de vida dentro da comunidade Boliviana, e não apenas isso, mas também as consequências de levar uma vida restringida.

1.2.1. A revista Época, um caso de tuberculose.

A revista *Época*, na seção da sociedade, também fez uma publicação sobre o caso dos Bolivianos, onde o repórter Mauricio Morales⁵ fez uma pesquisa para saber a vivência deles.

⁵ Mauricio Morales, e escritor da revista *Época*.

Na sua procura, soube que a maior parte deles vive reclusa em oficinas de costura, onde trabalham por até 16 horas ao dia, freqüentemente em regime de semi-escravidão, produzindo a roupa barata vista nas lojas.

Enfatiza também, que o Boliviano se encontra em péssimas condições de sobrevivência, mas, ao mesmo tempo, consideram a situação a que são submetidos no Brasil, melhor do que a pobreza de seu país. Ele diz que já se verifica entre esses imigrantes uma alta incidência de tuberculose. Os casos chegaram à Secretaria de Saúde do Município que já está distribuindo folhetos em espanhol alertando sobre como prevenir a doença.

Como nos casos anteriores, Morales conseguiu entrevistar uma pessoa que passou por essa situação. O caso é de uma boliviana de 22 anos que não quis ter o nome revelado. Conta que contraiu tuberculose há quase um ano. Os primeiros sintomas são enganosos. “Achei que era um resfriado, mas a tosse não parava.”, conta ela, Faz três anos que ela trabalha na periferia da capital, numa oficina de costura que funciona na casa de dois quartos, onde vive com cinco imigrantes.

Pode-se perceber também que Morales faz uma pesquisa com especialistas na área de saúde, já que segundo Naomi Komatsu⁶, esses ambientes com falta de luminosidade e ventilação concentram gente mal alimentada e com baixa resistência imunológica e são perfeitos para propagar a doença. A cada ano, sete mil pessoas são infectadas e quinhentas morrem vítimas da doença na cidade de São Paulo. A tuberculose pode atacar qualquer um, já que um terço da população é infectado pelo bacilo de Kock. Mas só desenvolve os sintomas quem tem condições precárias de vida, afirma a médica. E esse é justamente o quadro em muitas oficinas.

Continuando com a argumentação da médica, no caso dos imigrantes, a luta dos médicos não é apenas contra o bacilo de Koch, causador da doença, mas com a desinformação. "Os ilegais têm medo de serem denunciados e não abrem as portas para os agentes de saúde", descreve Naomi. Muitas vezes, mesmo doentes, resistem em procurar assistência médica. "Mas no posto de saúde todos são atendidos sem nenhuma distinção", garante a sanitarista. O seu objetivo e de sua equipe é acompanhar todos os doentes de tuberculose que desde Dezembro de 2005, recebem uma cesta básica, lanches e vale transporte para irém até a unidade de saúde tomar os remédios. As medidas são uma tentativa de fazer o índice de cura chegar a 90%, o mais próximo do padrão recomendado pela Organização Mundial de Saúde, (OMS). Hoje a média do tratamento convencional na cidade é de 65%.

⁶ Naomi Komatsu, Médica Sanitarista, Coordenadora do programa de controle de tuberculose do município de São Paulo.

A costureira boliviana de 22 anos que começou a se tratar no início do ano passado, já está praticamente livre do bacilo.

1.2.2.A Revista Problemas Brasileiros.

A revista *Problemas Brasileiros*, em sua edição nº347, publicou um relatório com o título: “*Clandestinos preferem semi-escravidão à falta de opções da Bolívia*”, realizado por Carlos Juliano Barros, relata que os bolivianos vêm para o Brasil, principalmente para São Paulo, na esperança de encontrar melhores condições de vida.

Tal afirmação foi constatada na vida de um dos imigrantes! O Brás, bairro central da capital paulista, abriga milhares desses imigrantes. René Barrios⁷ faz parte desse contingente. O apartamento em que mora com a mulher, a filha, o cunhado e outros dois compatriotas, comporta também sua oficina de costura, o aluguel consome boa parte da renda mensal. Na modesta sala há sete máquinas, às quais todos se dedicam durante a semana inteira, inclusive aos domingos. Para eles, não há folga. O ambiente é fechado, sombrio, e o trabalho difícil.

Segundo a opinião de Barros, René pode ser considerado um vencedor. Ele atingiu o objetivo que grande parte dos bolivianos em situação irregular no Brasil, gostariam de alcançar.

Apesar do relativo êxito de René, no entanto, teve de enfrentar uma via-crúcis. Ao chegar de La Paz, em 1996, recrutado por um colega também boliviano, René trabalhou três meses sem receber um centavo. Depois de muito hesitar, resolveu buscar uma nova ocupação.

A Praça Padre Bento, (Praça Kantuta para a comunidade boliviana) no bairro do Pari, conhecido como ponto de encontro e de comércio informal dos bolivianos, serviu como verdadeira agência de empregos. “Há anúncios de ofertas espalhados pela praça”.

René trocou várias vezes de patrão, até conseguir dinheiro para comprar sua primeira máquina e, assim, trabalhar por conta própria. Porém, as lembranças do tempo em que foi explorado ainda o acompanham. Com escassas horas de descanso, geralmente após as refeições, René e sua mulher chegavam a trabalhar em turnos de 16 horas diárias. Conseguiram costurar, aproximadamente, 30 peças por dia, recebendo de R\$ 0,50 a R\$ 1 por cada uma.

⁷ Barrios, o nome de René é para proteger a verdadeira identidade, Boliviano que foi entrevistado junto com sua família, por Carlos Juliano no Bairro do Brás.

Dessa maneira pode-se destacar que, tanto nos jornais como nas revistas existem fontes verdadeiras referentes ao assunto.

No seguinte registro, conheceremos outros meios de comunicação e instituições que deram importância a este fato social.

1.3. Registro de outros meios de comunicação.

Entre outros meios de comunicação, destacamos a internet que possui informações sempre amplas e atualizadas a respeito do assunto, na “rede”, encontram-se inclusive jornais que são de menor circulação e opiniões de profissionais de várias áreas, entre elas está a redação feita pela Psicóloga da PUC, como no seguinte caso.

1.3.1. T.C.C.feita pela Psicóloga da P.U.C.

Em sua redação, Helena M. Cursino de Moura Hirye⁸ enfoca o assunto a partir da psiquiatria e afirma que a situação de vulnerabilidade psíquica e social dos imigrantes bolivianos que trabalham em condições análogas ao do trabalho escravo em São Paulo, provoca a perda de referentes simbólicos de sua história e cultura ocasionando os seguintes sintomas: estados de padecimento psíquico tal como o luto, isolamento, estados depressivos, doenças psicossomáticas, fenômenos melancólicos, casos de drogados, desagregação familiar, entre outros. Tal vulnerabilidade os torna os imigrantes excluídos do contexto cultural mais amplo, delineando-se um sintoma social decorrente da invisibilidade política dessa população.

Além de verificar tal desequilíbrio, ela comenta o caso de dois migrantes que por razões óbvias preferem ter sua identidade preservada.

Jorge e Dolores, (nomes fictícios), o casal de bolivianos, adoece – tuberculose ganglionar- adquirida pelas condições subumanas de trabalho e moradia na própria confecção. Fugitivos da situação limite de miserabilidade em seu país, ficaram enredados em situação similar na nova terra e ameaçados pelos patrões, de serem pegos pela polícia federal se saíssem do emprego, ficaram confinados no local de trabalho, produzindo muito, porém, endividados e sem documentos, doentes, sujeitos à exploração e ao terrorismo.

Vulnerabilidade psíquica e social que causa adoecimento. “Perda de imunidade psíquica que se registra no corpo, na impossibilidade de simbolizar o trauma”. A doença somática

⁸ Helena M.C. de Moura Hirye, psicóloga Clínica, Psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP, doutorada em Psicologia social pela PUC/SP, Membro do laboratório de Psicanálise e Sociedade do IPUSP.

torna-se, não por acaso para alguns, uma via privilegiada de restabelecimento da economia psíquica.

1.3.2. Jornal Sem Terra.

Segundo pesquisas feitas por Bassegio e Luciane⁹ eles afirmam que, os bolivianos que trabalham no setor da costura em regiões centrais da cidade de São Paulo, são jovens aliciados diretamente da zona rural da Bolívia para a produção de roupas que são vendidas para todo o Brasil. Na capital paulista, há centenas de milhares deles, dos quais 40% em situação irregular. Muitas vezes acabam como escravos em oficinas de costuras na região central da capital, como Brás, Bom Retiro, Mooca, Vila Maria e Pari.

A origem desta situação tem a ver com a realidade destes países, em destaque a Bolívia, dos quais muitos fogem em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

O mais grave de tudo é a impossibilidade de exigir direitos, dizem eles, seja pela dificuldade do idioma, ou pelo fato de estarem sem documentos e submetidos a uma lei de estrangeiros que é autoritária, xenofóbica, restritiva entre outras.

São muitos os relatos de pessoas recrutadas na Bolívia com anúncios de rádio e jornais enganosos que prometem emprego, moradia e salário. Chegando aqui, a realidade é outra. Os primeiros seis meses de trabalho são para pagar o custo da viagem ao intermediário, (gato ou coiote), que os trouxe. Muitas vezes os passaportes são retidos e há ameaça de denúncia à polícia caso o imigrante não cumpra as exigências do intermediário. Passados 3 meses, o imigrante tem seu visto de turista vencido e torna-se um “indocumentado”.

Eles comentam também que estes imigrantes não costumam delatar os patrões. E sequer imaginam estar sendo explorados. Não é incomum ouvi-los dizer que preferem trabalhar no Brasil a trabalhar na Bolívia. Famílias inteiras, em condição ilegal, aceitam trabalhar e viver em oficinas de costura. Preferem trabalhar até 17 horas por dia a ficarem desempregados em seu país, essa é sua realidade, “trabalhar, mesmo que esse trabalho se torne sofrimento”.

1.3.3. T.C.C. feita por uma aluna da Universidade de São Paulo.

A grande maioria dos meios de comunicação enfoca uma realidade que para muitos é desconhecida, mas com grande surpresa se encontrou um texto que trata desse assunto.

⁹ Luiz Bassegio e Luciane Udovic, são da secretaria do grito dos/as Excluídos/as Continental 2007.

A estudante Camila Lins Rossi¹⁰, após ter feito uma pesquisa descreve uma situação de injustiça social em São Paulo, a cidade mais rica, a mais desenvolvida, a mais ativa sócio econômica e culturalmente. A escravidão está camuflada pelas ruas da capital paulista, principalmente pelos Barrios comerciais.

Segundo o subtítulo, “basta abrir os olhos”, ela diz que, em lugares como Brás, Bom Retiro e Pari que são bairros da região central da capital paulista, famoso por abrigar confecções que vendem roupas a preços mais baixos que aqueles encontrados nos shoppings centers; e justamente em função dos preços atrativos, essas confecções do centro velho paulistano abastecem lojas e grandes redes varejistas em todo o território nacional.

Esses preços baixos que tanto atraem os consumidores do varejo e atacado não são milagres da natureza. Não é, muito menos, um ato de generosidade dos donos das oficinas. É consequência de uma forte redução dos custos no processo de produção das peças de vestuário.

A maior parte dos funcionários utilizados na confecção dessas roupas é composta por imigrantes latino-americanos em situação ilegal no Brasil. Bolivianos, paraguaios, peruanos e chilenos que compõem um verdadeiro exército de mão de obra barata e abundante em São Paulo.

Segundo pesquisas feitas por ela, esses imigrantes saem de seus países de origem em busca de uma vida melhor em solo brasileiro, em busca de um sonho, em busca de uma sobrevivência. Fogem da fome, fogem da miséria, fogem da desesperança. O que os espera no Brasil, contudo, não é um sonho dourado ou uma realidade colorida, e sim uma situação de absoluta exploração.

Das comunidades latinas na capital paulista, os bolivianos destacam-se por constituir a mais numerosa. Além disso, encontram-se nas situações mais graves de exploração e degradação do trabalho humano, porque se submetem as piores condições. Os imigrantes, geralmente, não têm sua liberdade cerceada através de ameaças físicas (a exemplo dos escravos da fronteira agrícola amazônica que são vinculados a terra e a propriedade rural). O cerceamento se dá de outra forma, no campo psicológico, através de um processo de coação e ameaças por parte dos patrões.

E é justamente nesse cerceamento psicológico que está à perda da liberdade. A constante sombra de denúncia relatada ao serviço de imigração se verificou que é a principal

¹⁰ Camila Lins Rossi, é estudante da universidade de São Paulo, na escola de comunicação e artes, no departamento de jornalismo e editoração. Site: www.usp.br

consequência direta, que é a deportação dos imigrantes, deixam os trabalhadores passivos em relação à situação em que se encontram. Também sob esta ótica, são escravizados.

Ela afirma também que é quase seguro que eles ignoram a interpretação do artigo 149 do código Penal brasileiro, como segue:

Art. 149 - Redução a Condição Análoga à de Escravo.

“Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto: (Alterado pela L-010.803-2003)

Pena - reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência.

O artigo afirma que incorre neste crime quem sujeita alguém. Encaixa-se aí, portanto, o trabalho escravo contemporâneo no caso das confecções paulistanas.

Assim mesmo, existe uma esperança para eles, em meio a uma conjuntura na qual são superexplorados e não têm quaisquer direitos, uma certeza ao menos, esses trabalhadores escravizados possuem: a de que têm a seu favor a atuação do Centro da Pastoral do Migrante.

A entidade, ligada à Igreja Católica Apostólica Romana e vinculada à igreja Nossa Senhora da Paz, desenvolve um trabalho de apoio aos imigrantes em São Paulo e é considerada atualmente uma das maiores especialistas no tema por conhecer de perto a realidade dessas pessoas. Sua atuação extrapola as questões religiosas e vai ao encontro das necessidades mais urgentes dos imigrantes. Esses, por sua vez, segundo Camili, vivem sem ter certeza do que realmente querem, trabalham como escravos, mas não se enchem como tais; fogem das autoridades de imigração, não regularizam sua situação no país; reclamam da exploração de que são vítimas, mas não denunciam os exploradores. No fundo, o sentimento mais comum a todos esses bolivianos é o pavor de voltar para uma Bolívia sem empregos e sem as mínimas condições de sobrevivência. Afinal, é exatamente isso, sobrevivência, que eles buscam por aqui.

1.3.4. Folha Presença Latina.

De acordo com esta redação feita num jornal de pouca circulação, as condições de vida e de trabalho da grande maioria dos imigrantes bolivianos em São Paulo e trabalho em local insalubre onde estão instaladas as oficinas de costura, setor em que muitos trabalham e que traz sérios problemas para a saúde. Um dos mais graves é a tuberculose. Uma jornada normal no ramo da costura é de 12 a 14 horas diária, mas muitos trabalham das 7h às 24h.

Impedidos, pela Lei dos Estrangeiros, de exercerem o trabalho dito formal, aquele em que são assegurados os direitos e as garantias contidas na Constituição e na CLT, (Consolidação das Leis do Trabalho), os migrantes ilegais não vêem alternativa senão a de se submeter às explorações, às enormes jornadas de trabalho a preço vil. O medo da deportação força-os a um pacto de silêncio. As vítimas quase nunca denunciam seus algozes.

A redação relata a entrevista feita a um imigrante que não quis se identificar. Nela declarou: “Eu não podia reclamar, não podia fazer valer os meus direitos porque pensava que não tinha nenhum. Eu não tinha documentação aqui”.

Nela se destaca também que no dia 20 de agosto de 2004, uma blitz do Ministério Público do Trabalho (MPT) flagrou um casal de coreanos, donos de uma confecção, empregando ilegalmente 11 estrangeiros, entre bolivianos, paraguaios e peruanos. Na oficina de costura, localizada no Bom Retiro, bairro da região central de São Paulo, constatou-se absoluto desrespeito à Constituição Federal e a CLT. Submetidos a longas e exaustivas jornadas, em regime análogo ao de escravo, esses imigrantes eram obrigados a trabalhar no subsolo do prédio da confecção que era monitorado por circuito interno de TV e apresentava graves irregularidades.

Apesar das instalações elétricas precárias e de não possuir condições mínimas de saúde e higiene, o local servia também como moradia. Em área contígua à oficina, oito dos trabalhadores e uma criança de seis anos repartiam seis pequenos cômodos improvisados de 2 m², divididos por paredes de compensado. Os outros, quando a jornada se estendia, acabavam, também, por dormir no local. Ali, funcionava ainda uma cozinha, onde eram feitas as refeições oferecidas pelos patrões.

Segundo a Coordenação de Saúde da Subprefeitura da Mooca, os principais problemas que a grande maioria destes imigrantes enfrenta são:

Profissionais da saúde têm dificuldade de acesso aos domicílios; imigrantes têm dificuldade de acesso aos serviços públicos, inclusive da saúde, existência das seguintes doenças: tuberculose, dengue, dermatites, além de histórico de pré-natal tardio, falta de saúde bucal de higiene pessoal e das residências, condições de trabalho insalubre e alto rodízio do local de moradia/trabalho, crianças fora da escola, intolerância da população residente na região aos povos imigrantes e além de todas essas circunstâncias existe ainda barreiras de comunicação, o desconhecimento cultural, hábitos, costumes e idiomas diferentes, (espanhol, quéchua, aymará e guarani), tanto por parte dos trabalhadores da saúde que os atendem como da população da região.

Problemas desse tipo transformam-se em uma grande barreira para ter uma vida digna e justa.

Homens e mulheres, muitas vezes com estudos completos, desembarcam sonhando com um trabalho estável e um bom salário: 100 dólares por mês. Cerca de 300 reais pode parecer pouco, mas é o que representa um salário de classe média na Bolívia. Os sonhos se esvaem em realidade. Essas pessoas chegam enganadas por aliciadores que prometem casa, comida e trabalho. Se os interessados não têm dinheiro para custear a vinda, eles tomam empréstimos dos “coiotes” que também cobram de 500 a 600 dólares para a tramitação dos documentos. Pagar as dívidas contraídas custa cerca de 6 meses de trabalho, também se constatou que existe o envolvimento de brasileiros, coreanos e dos próprios bolivianos que vão buscar essas pessoas para trabalharem aqui.

Em São Paulo, os documentos destes trabalhadores são retidos para evitar a comunicação e os Bolivianos nem sabem o endereço de onde estão morando. Residem no local de trabalho e têm jornadas de 12 a 14 horas, recebendo por peça fabricada, em lugares de péssimas condições. Muitos estão contraindo tuberculose nestes ambientes.

Entre estes indocumentados, há um medo de denunciar, medo da polícia e das represálias. Após o cumprimento dos meses para o pagamento dos custos da viagem, eles fogem e se encontram com a legislação que os criminaliza, mas não reconhece o tráfico de seres humanos.

1.3.5. Diferente.

No Jornal Sem Terra, também se encontrou uma redação diferente, feita por Luiz Bassegio¹¹, que entrevistou um Boliviano que mencionou não ter nada a ver com a escravidão tão falada por todos.

De maneira incômoda ele afirma que a vida dele é tão normal como de qualquer outro cidadão, em sua resposta a entrevista ele afirma o seguinte:

Entre os bolivianos, o tema da escravidão causa desconforto e vergonha. ‘A gente se sente diferente, humilhado. Não é como outra pessoa que pode caminhar em liberdade. Você sai pra balada e vem alguém perguntar: Você é boliviano? Não é escravo, não?’, conta Felipe Quispe, de 26 anos. ‘Eu respondo: Você já viu escravo saindo na rua?’ Para Felipe, nos últimos dois anos, começou-se a falar mais de escravidão, exatamente por causa dos coiotes. ‘Falamos que os bolivianos já são trazidos para serem escravos. Mas a gente trabalha porque precisa; se não trabalhar, não ganha nada’.

¹¹ Luiz Bassegio é parte da secretaria do grito dos/as. Excluídos/as, 2007

Nota-se que o caso de escravidão não é em sua totalidade, existem pessoas que não passaram por essa experiência, como foi constatado, porém dentre os 10% deles, 8%, pelo menos, vive ou já viveu a injustiça de serem tratados como escravos, e essa é a situação que passam muitos dos estrangeiros latinos aqui em São Paulo, que para alguns, como diz Felipe: “incomoda os não passaram por essa experiência”.

Até aqui, nota-se que grande parte dos meios de comunicação verificou que existe uma vida de escravidão, uma situação aceita pelos bolivianos de maneira tranqüila, os motivos, já foram destacados.

No seguinte capítulo, o assunto será tratado de maneira diferente, já que a palavra escravidão, insere-se dentro do aspecto social, cabe destacar que o problema vem se suscitando desde a época antiga, foi uma situação em que o povo escolhido Israel ia enfrentando.

Por isso, capítulo seguinte o assunto será tratado, a partir do ponto de vista bíblico, através do profeta Amós, e eclesiológico a partir do pensamento do teólogo René Padilla, visto que a responsabilidade social faz parte da missão da Igreja.

2. CONCEITO DE JUSTIÇA SOCIAL.

O Teólogo René Padilla¹² e o profeta Amós, encaram em diferentes épocas, as situações de injustiça social, que por sua vez, a Bíblia não deixa de lado, ambos tiveram que julgar a injustiça social no seu contexto de vida, o teólogo Padilla encara dentro de nosso contexto de vida a injustiça social. Amós por sua vez, com grandes diferenças de tempo, revela como o povo de Israel sofreu grandes injustiças de escravidão e abusos humanos, os dois tratarão o problema de injustiça social a partir de um pensamento teológico.

2.1. Conceito de Justiça Social segundo René Padilla.

Em sua declaração com respeito a igualdade social referindo-se como missão da igreja, Padilla afirma que existe o desafio que a Igreja vê do frente no campo de desenvolvimento, a missão de um tipo de trabalho humano no contexto da justiça. Faz falta modelos de missão que estejam plenamente adaptados a uma situação marcada por uma distância abismal entre ricos e pobres. A Igreja deve fazer uma opção temporária entre evangelizar e assistir ao necessitado, mas nunca uma opção permanente. A verdadeira espiritualidade do povo de Deus se expressa em sua integridade. A mesma Igreja que proclama as boas novas do Reino deve ser a mesma que oferece auxílio ao necessitado. Os desafios que agora se mencionará tratarão da Igreja brasileira os desafios sociais e os desafios eclesiais.

2.1.1. Os desafios sociais da Igreja

Não são poucos e nem pequenos os problemas sociais brasileiros. A Igreja evangélica brasileira tem desafios enormes nesta área. Porém, de início é preciso que se verifique com seriedade e maturidade o dilema de até onde pode-se e deve-se envolver a Igreja nestes desafios. Segundo a declaração feita no Pacto de Laussane os teólogos que fizeram parte dela afirmaram

“A evangelização e ação social e política são partes de nosso dever cristão e que na missão da igreja existe o trabalho de serviço e sacrifício” Padilla (1992, pp. 12,13).

¹² Padilla, Nascido em Quito, Ecuador, em 1932, filho de um evangelista e alfaiate, após sua conversão aos 15 anos, tornou-se também evangelista e pregador de rua. Como teólogo, participou de várias conferências, entre elas, foi preletor do Congresso de Lausanne em 1974.

É preciso sim que a Igreja seja a consciência da sociedade e a voz profética que denuncia os desmandos desta mesma sociedade. Não se deve, como Igreja de Cristo, partir para a ignorância e violência, mas se pode e se deve fazer confrontações sociais sérias. Confrontação não é violência.

Há muita confusão sobre a natureza da confrontação e da violência. Confrontação é simplesmente a atividade entre seres humanos na qual eles discordam, e devido a esta discordância, estão desafiando uns aos outros. A palavra significa literalmente 'testa-a-testa' - isto é, as testas colocadas fisicamente uma contra-a-outra. É um encontro face a face, direto, procurando o fim da resolução.

Por outro lado, violência é o exercício da força física, a fim de ganhar uma disputa. Enquanto a confrontação é verbal, a violência é física. De uma forma mais profunda, essas palavras não são sinônimas, e sim antônimas, pois, em sua própria natureza, um ato de violência é a indicação de que a confrontação falhou. A confrontação boa e eficaz nunca deve levar à violência, mas à resolução do problema. LINTHICUM (1996, pp. 171,2).

É nesse espírito de verdadeira confrontação que a Igreja deve encarar seus desafios sociais, com propostas terapêuticas para uma sociedade enferma. Portanto, é necessário lutar pela Dignidade do povo brasileiro, pelos seus direitos, saúde, segurança, educação, trabalho e salário digno.

Tudo isto e necessário ate onde os direitos sejam verdadeiramente assegurados, o amor ao próximo evidenciado, a moral dignificada, o evangelho e o bom testemunho não sejam prejudicados e, sobretudo, o nome de Jesus seja glorificado.

Segundo Padilla o governo tem suas culpas e responsabilidades, mas não se podem ficar indiferentes ao que ocorre em volta, simplesmente criticando por criticar o governo. Senão também e responsabilidade do povo de Deus como tarefa social pensando no bem estar do país.

2.1.2. Os desafios eclesiais da Igreja

Segundo o teólogo Padilla um dos maiores desafios da Igreja brasileira na atualidade é vencer seus próprios desafios, mais esses desafios sociais da igreja brasileira não são combatidos e vencidos como deveriam, porque falta vontade eclesiástica por parte da mesma, ou porque a liderança não se empenha, ou porque os liderados não se envolvem na obra. O certo é: se não se chega a um consenso; se não se junta forças, jamais se saíra do lugar comum. É necessário que se comece a trabalhar se em verdade se quer marcar um esforço de defender a obra missionária da Igreja.

Uma lição é preciso aprender com a igreja em Jerusalém. A igreja em Jerusalém estava consciente de sua missão no mundo. Era uma igreja unida em seus propósitos e se amava de verdade. Internamente ela estava ansiosa, desejosa de pregar o evangelho, em obediência ao mandado de Cristo. Porém, externamente os desafios eram humanamente insuperáveis. Pilatos, Herodes e muita gente se levantaram contra a Igreja de Deus. Então a Igreja orou: "agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes as mãos para fazer curas, sinais e prodígios por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus" (At 4.29,30).

Deus atendeu ao clamor de sua igreja (At 4.31). Atendeu porque a igreja deixou de lado seus próprios interesses para servir ao mundo. Hoje, o que muito se vê, na igreja local, é a própria igreja criando obstáculos para não fazer a obra do Senhor. Externamente desfruta-se de uma liberdade religiosa como nunca se viu, mas internamente muitas igrejas estão enfermas, quando na verdade eram elas que deveriam estar curando.

2.1.3. O segundo congresso Latino Americano de Evangelização.

Em Novembro de 1979, a Fraternidade Teológica Latino- Americana realizou o CLADE II (o segundo congresso Latino- Americano de Evangelização), em Lima, Peru. Nesse congresso, a evangelização foi vista como algo inseparável da responsabilidade social e política. Ela tomou como marco de referência o Pacto de Lausanne e tratou de relacioná-lo com a realidade concreta de pobreza e opressão, corrupção moral e abuso de poder nesta região do mundo, a participação de René Padilla foi justamente com seu ensaio titulado "*Cristo e Anticristo na proclamação do Evangelho*".

Segundo Padilla a história de interpretação do anticristo, desde Justino Mártir e Irineu até Hall Lindsey e Tim La Haye, é por si só uma advertência contra o perigo do dogmatismo no tocante ao intento de relacionar o ensinamento bíblico sobre essa figura apocalíptica com os acontecimentos contemporâneos. Não entanto, não se pode deixar de lado o apocalipsismo do Novo Testamento, sem perder um importante elemento da mensagem do evangelho. Os símbolos apocalípticos dos escritores neotestamentários, entre eles a figura do anticristo, encerram uma visão da ação de Deus na história, da dimensão cósmica da obra de Jesus Cristo e do significado transcendente da missão da igreja, sem a qual a fé cristã sofreria uma perda irreparável. Então diz Padilla, vale a pena correr o risco de nos equivocarmos e tentar uma leitura dos sinais dos tempos em nosso contexto histórico.

Na sua declaração Padilla menciona o I congresso Latino-Americano de evangelização, realizada em Bogotá, Colômbia, novembro de 1969, no qual falou da necessidade de encarar o

exemplo de Jesus Cristo “na crítica á realidade de subdesenvolvimento, de injustiça, de fome, de violência e de desespero” PADILLA (1992, pp.130).

Padilla declarou que desde então, a realidade tem se tornado muito mais complexa e cada uma das características com que a qualifica tem assumido formas de tragédia. “Qualquer observador pode comprovar que, enquanto a população aumenta de 200 para 300 milhões nesta ultima década, nosso continente esteve se movendo de forma intensa para regimes que estão dispostos a impor um modelo bem definido de crescimento econômico a qualquer preço”. PADILLA (1992, pp.131).

Visto que, são governos que se concebem como motores da modernização a que hoje aspiram às nações “subdesenvolvidas”, ou em vias de desenvolvimento. Eles, os governos, partem da premissa do mito do progresso – versão secularizada da escatologia bíblica - e aceitam como modelo para a mudança social o modelo de crescimento econômico exemplificado principalmente pelos Estados Unidos.

Segundo Padilla o nível social econômico de todos os países de todas as latitudes e origens raciais expressão as mesmas aspirações baseadas em valores basicamente iguais é obvio que a sociedade vai tomando forma na América Latina hoje e que esta em vários estágios de desenvolvimento nos vários países do continente é somente uma versão da moderna sociedade industrial que, pouco a pouco, vai se impondo a uma altura maior, sem respeitar fronteiras ideológicas.

Assim mesmo em 1974, no Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial, (Lausanne) René Padilla, afirmou a importância de se recuperar o conceito bíblico de pecado e ver que o homem é vítima de uma ordem que o transcende e lhe impõe um estilo de vida que lhe é contraproducente.

No mesmo comentou também, que no mundo moderno essa ordem está marcada pelo materialismo. Isto é, a absolutização da era presente no que oferece: os bens de consumo, o dinheiro, o poder político, a filosofia, a ciência, a classe social, a raça, a nação, o sexo, a religião, a tradição, e o egoísmo coletivo.

“O mundo está se transformando numa aldeia global, unida pela ideologia do consumismo e que hoje e o mistério da iniquidade” está em ação em nossa época, nesse gigantesco esforço de todas as nações para converterem-se em “sociedades avançadas”. PADILLA (1992, pp.132).

Ele está dizendo que o modelo de sociedade no mundo moderno é de uma sociedade dedicada à conquista do conforto físico, como se a vida consistisse na qualidade de bens que

alguém possua, assim mesmo disse que por trás do materialismo dessa sociedade de consumo está o espírito do anticristo.

O período entre a ressurreição e a segunda vinda está caracterizado pela oposição a boa nova, oposição na qual se antecipa a manifestação final do anticristo. Mas nem sempre a oposição se dá em termos de perseguição, pode tomar a forma de sedução. Daí a importância desta advertência que consta no Pacto de Lausanne essa e a situação que demanda vigilância e discernimento para salvaguardar o evangelho bíblico, Padilla também reconhece que a igreja não está imune à mundanidade no pensamento e na ação, isto é, a uma capitulação frente ao secularismo.

Disse também que o espírito do anticristo se mostra presente atualmente em qualquer esforço que a Igreja faz para cumprir o seu encargo, usando para isso as regras do jogo e os valores da sociedade que a rodeia. Isto acontece, por exemplo, quando na evangelização se substitui o evangelho bíblico, centrado em Jesus Cristo, Senhor e Salvador, por uma mensagem sem as exigências do discipulado cristão, adaptada ao consumo em massa.

Assim mesmo, o materialismo contemporâneo, com a sua visão unidimensional da realidade, impõe os seus valores e oferece uma salvação que é uma negação da salvação em Cristo, uma anti-salvação. Ele é, em essência, a mentira de que o homem pode ser como Deus, independente de Deus. Por isso não se apresenta diretamente como uma negação da fé cristã, mas como um plano de salvação individual e social. É uma religião secularista, que domina todo aspecto da vida dos que a ela aderem e constantemente faz uso dos meios de comunicação para difundir as suas mensagens e oferecer esperança, seja em termos de crescimento econômico ou em termos de revolução.

Segundo Padilla, a política necessita da religião como aliada, e disse que para os governos de todos os países, sejam ou não de cristãos, o materialismo cumpre o papel da religião.

Nos últimos anos se notam eloquentes exemplos dentro do próprio contexto histórico, a maneira como o Estado pode erigir-se em Deus e avassalar os seus cidadãos, sem nenhum respeito pelo mais elementar dos direitos humanos. Os assassinatos políticos, as torturas, tudo em nome da segurança nacional, são sinais do anticristo na América Latina.

Assim, nota-se que dentro dos padrões de justiça social e inadmissível admitir o abuso de direitos de cidadania, o respeito por uma vida digna, vale muito mais que o enriquecimento a costa de enganos, fraudes e sacrifícios.

Continuando o conceito de justiça social, o conceito segundo o profeta Amós dentro de seu contexto social.

2.2. Amós em seu contexto de vida e o conceito de justiça social.

De acordo com a Bíblia Amós¹³ era apenas um entre os pastores de Tecoa, uma vila cerca de dezenove quilômetros ao sul de Jerusalém (1:1) e colhedor de sicômoros (7:14). Mas o chamado de Deus o compeliu a pregar com tamanha ousadia contra os pecados do rei Jeroboão e contra a classe alta de Samaria, que foi acusado de traição (7:7; 8:2).

Segundo Sicre¹⁴, o assunto é tratado de maneira objetiva referente ao que Amós queria falar com respeito à justiça social.

O autor comenta que Amós não denuncia fatos concretos, mas o resultado definitivo. O mesmo se dá quando revela a corrupção da justiça e do direito (6:12) ou exige que se preocupem com eles (5:24); não entra em conseqüência práticas, pois é todo o sistema que está deteriorado. E o que pensou Amós para o seu tempo: uma sociedade arrasada não pela dinamite, mas por terremoto ou invasão militar. 1900 pp.186.

Com esse pressuposto podem-se avaliar mais justamente os problemas concretos denunciados por Amós:

Crueldade na guerra (1:3; 11:13; 2:1), escravidão (1:6,9; 2:6; 8:6), desprezo dos fracos e abuso contra eles (2:7), empréstimos (2:8), impostos (2:8; 5:11), riqueza e luxo (3:10,15; 4:1; 5:11; 6:4-6), má administração da justiça, (5:10,12), comércio (8:4-7).

São fatos muito diferentes em suas causas e manifestações. Às vezes, o que denuncia Amós é a falta de sensibilidade social, que leva ao desprezo da gente humilde ou a permitir-se toda espécie de luxo. Outras vezes, essa falta de sensibilidade leva as injustiças manifestas, como, por exemplo, quando se abusa da precária situação da criada (2:7), quando o luxo é o resultado da opressão dos fracos (4:1) ou quando há enriquecimento mediante comércio fraudulento (8:4-6).

Em outras ocasiões, a insensibilidade social vê-se respaldada por instituições e costumes, como no caso da escravidão, dos empréstimos e dos impostos.

É talvez esse último aspecto, o da injustiça “legalizada”, e de maior novidade e interesse. Coisas permitidas pela lei são rejeitadas pelo profeta de forma radical. É o que ocorre nos casos da escravidão, dos impostos e dos empréstimos.

¹³ Amós (‘âmôs) quer dizer “carregador”. Ele era um simples pastor de ovelhas, da cidade de Tecoa, em Judá, quando Deus o chamou e o destinou para ser profeta em Israel. Exerceu seu ofício profético sob o reinado de Uzias, rei de Judá, e Jeroboão II, rei de Israel. Viveu assim pouco antes de Oséias, que conhecia as suas profecias. Provavelmente o ano de 760 a.C. como data chave de sua atividade, dois anos antes de um terremoto que a arqueologia já conseguiu identificar. Profetizou em Betel, o centro da idolatria a Baal.

2.2.1. Escravidão no antigo oriente.

Para anunciar a posição de Amós, devem-se recordar as fontes da escravidão no Antigo Oriente. Medelsohn 1946, pp. 74-88, distingue cinco: cativos de guerra, escravos estrangeiros, venda de menores, autovenda de adultos e insolvência econômica. A esses casos acrescenta-se o caso do ladrão que não tem com que restituir e é vendido pelo valor do que foi roubado (Ex 22:2).

Sim se prescede desse último caso, em que a escravidão aparece como castigo, todos os outros têm sua origem em duas fontes; guerra e as dificuldades econômicas. Amós trata de ambos os casos. E em ambos sua posição é taxativa. O capítulo primeiro denuncia o comércio de escravos, fruto de lutas ou razias em países vizinhos.

Em (2:6), denuncia que se vende um homem porque deve pequena ou grande quantia de dinheiro; em (8:6) acusam os que o compram. Para Amós, entre o homem e o dinheiro não encaixa alternativa possível, o homem e sua liberdade estão acima de qualquer preço.

Segundo Medelsohn, poder-se-ia objetar que Amós não toca no caso da pessoa que se vende voluntariamente. Ter-se-ia de perguntar se existe alguém que se venda por vontade própria e não obrigado pelas circunstâncias. Fica difícil pensar que o profeta tenha admitido como justa a instituição da escravidão, que só objetivava vantagens econômicas para o dono. Embora a vida desses escravos não fosse terrível, estavam a serviço de quem acumulava tesouros em seus palácios e podia permitir-se toda espécie de luxo.

Entre todos os problemas concretos mais graves para Amós é o da administração da justiça, coisa fácil de entender, já que dessa instituição depende a solução ou o agravamento de muitos problemas. No capítulo 5 encontra-se denúncias de diversas injustiças que se cometem nos tribunais: silenciar a testemunha honrada, decisões inaceitáveis contra os pobres, aceitação de subornos, manipulação do direito objetivando o enriquecimento pessoal. Com isso conculcam-se a justiça e o direito, provocando a morte da nação. Nessas circunstâncias, só resta uma possibilidade de vida que não se encontra no espaço sagrado dos santuários (5,4-5), mas no espaço profano dos tribunais, ‘buscai o bem, e não o mal, para que vivais; e assim o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como dizeis’, ‘odiai o mal, e amai o bem, e estabeleci na porta o juízo. Talvez o Senhor Deus dos Exércitos tenha piedade do remanescente de José’, (Am. 5:14-15).

¹⁴ José Luis Sicre, autor do livro, a justiça social nos Profetas, 1900.

2.2.2. A posição de Koch e de Fendler sobre o pensamento de Amós.

Diferente desta interpretação de Sicre encontra-se duas posições contrapostas de Koch e de Fendler. Enquanto o primeiro acredita que Amós só se interessa pelo grupo de pequenos camponeses, essencial para a sobrevivência do país, Fendler pensa que o problema é mais complexo: há opressores que não são ricos, pertencem a uma “classe média”, oprimida pelos grandes proprietários, a qual, por sua vez, oprime os mais pobres.

No que respeita a Koch, Amós não ataca pessoas concretas (excetuando o caso especial de Amazias) e nunca se subleva contra a injustiça feita a indivíduos; o que faz é falar de um grupo cujos membros são designados cinco vezes com o título de *'ebyôm*, “necessitado”, quatro com o de *dal*, “pessoas de escassos bens”, duas com o de *'anaw*, “humilde”, “piedoso”, e, finalmente, uma com o de *'asuj*, “explorado”. Infelizmente, ainda não se conseguiu descobrir o sentido exato de cada um desses vocábulos. A falha deve-se em grande parte ao fato de os estudos anteriores não terem levado em conta as diferenças de séculos e países. 1900, pp.190,

Assim, pois para Koch, o que Amós fustiga não é a falta de sensibilidade social em geral, mais a forma humilhante de tratar o setor mais baixo dos camponeses.

A teoria de Koch tem muita probabilidade, desde que não seja absolutizada. Parece que Amós se preocupa especialmente com determinado grupo social, que se podem identificar como camponeses pobres, tendo apenas o suficiente para viver e em sério risco de perder casas, terras e liberdade.

À diferença de Koch, Fendler, apresenta um ponto de vista mais complexo. Segundo essa autora, Amós não denuncia simplesmente a classe alta de Samaria, que oprime a classe baixa, ‘A análise das camadas sociais perceptíveis na crítica social de Amós leva à conclusão de que, tanto por parte dos opressores como dos oprimidos, não se trata de modo algum de classe social homogênea’, 1990, pp.196.

Pelo contrário, em ambas as partes percebe-se amplo espectro, que nos oprimidos atinge desde os estratos sociais mais baixos até uma classe média ameaçada de se converter em classe baixa, isto é, desde escravos por dívidas até cidadãos com propriedades e direitos.

Assim, na conclusão de Fendler, Amós, como outros profetas depois dele, identifica os opressores com os que detêm o poder econômico, político e judicial, são os principais responsáveis pela situação.

Segundo Sicre, Fendler tem razão porque nos estratos mais baixos cometiam-se injustiças, por isso que se pode admitir que Amós as denunciou.

2.2.3. A base de Amós para a justiça social.

De maneira geral, três seriam os grandes pontos de partida para explicar a mensagem social de Amós, o primeiro é, o conceito ético de Deus e do homem com valor universal, converte a justiça em ponto central de toda a sua idéia de Deus, referente ao homem baseia-se na evidência do fato moral, na natureza moral do homem. O que Javé exige é justiça, o que odeia é a injustiça, o pecado ou ofensa à divindade é algo de caráter puramente moral. Por isso, Amós não invoca a lei existente, mas pressupõe que suas exigências só expressam o sentimento natural de justiça e equidade inato a todo homem, e que se torna antinatural desprezar e transgredir. Amós, portanto, intui a natureza moral do homem.

O segundo, a experiência pessoal do profeta, vivenciou espiritualmente a Deus com toda a sua onipotência, viu e escutou a Deus de tal forma que se tornava impossível pensar em quaisquer outros seres celestes, e vivenciou-o espiritualmente com personalidade moral de tremenda seriedade e exigência, como a encarnação sagrada da idéia moral eterna.

O terceiro, as tradições típicas de Israel, a base da crítica social de Amós encontra-se na eleição e na aliança. Ao falar disso, refere-se às injustiças. Amós não o faz como o homem simples do campo, inimigo da esplêndida cultura urbana; tampouco como o defensor de uma classe social, preocupado com a igualdade da sociedade, nem como o moralista que, com a lei na mão, denuncia a transgressão de determinados parágrafos, e sim como quem leva totalmente a sério o duplo aspecto da eleição. Israel só é fiel à sua eleição se honra continuamente o Senhor que escolheu e não profana seu santo nome.

O que irrita ao profeta não são tanto os fatos, mais as atitudes que surgem de orgulho, confiança no próprio poder, esses comportamentos esquecem-se de que Javé é o verdadeiro Senhor da história, às pessoas comportam-se como deuses, dando assim como resultado, os métodos com que conseguem esse luxo e bem-estar, isto, baseando-se na tradição religiosa de seu povo.

2.3. A proposta de René Padilla e Amós para Justiça Social

Pensando no trabalho da Igreja, Padilla afirma, “a missiologia que a Igreja necessita hoje não é uma que conceba o povo de Deus como uma entrevista feita com a sociedade que a

rodeia, mais como ‘um ponto de interrogação feita carne’, que questiona os valores do mundo”. Amós por sua parte pretendia a conversão do indivíduo, uma sociedade fraterna, justa, sem diferenças de classe, um povo que pudesse ser chamado dignamente filhos de Deus.

2.3.1. A proposta de René Padilla.

As implicações que Padilla aborda não deixam de ser verdadeiros desafios para a Igreja brasileira, também se entende que esses desafios são compromissos naturais para uma igreja que queria verdadeiramente cumprir com sua missão.

O que muito tem contribuído para um mau desempenho da Igreja em sua missão integral é a falta de estruturas que funcionam. Estruturas enrijecidas pelo tradicionalismo impedem e acabam a visão de uma igreja.

A quebra de paradigmas é uma das coisas fundamentais para que a estrutura de uma igreja se torne funcional. Às vezes, é preciso muita coragem para mudar certos parâmetros que já não funcionam mais. À primeira vista parece fácil mudar aquilo que se tornou obsoleto, mas não é tão simples assim. Antes é preciso mudar a mentalidade dos acomodados e principalmente dos saudosistas, daqueles que confundem inovação com inovacionismo, tradição com tradicionalismo. O que está "matando" muito crente novo (e velho também) é a igreja não-funcional, que se limita a suas atividades internas, fechada em quatro paredes.

Durante seu ministério pastoral, Padilla aprendeu em seus poucos anos de ministério, que se a igreja não compra essa idéia, não será por meio de decreto conciliar que se conseguira qualquer êxito. Um diálogo franco, aberto e amigável é a chave do sucesso. Aquelas igrejas que um dia receberam orientação missionária, se não forem constantemente lembradas daquele compromisso.

Em primeiro lugar é preciso reconscientizar a Igreja de sua missão no mundo. Em segundo lugar é preciso conscientizá-la de que ela está no mundo para servir o mundo integralmente, se a Igreja chegou a se empolgar com missão algum dia, é sinal que ela tem potencial para fazer, com a graça de Deus, o que fez antes. Sermões e estudos bíblicos missionários, filmes específicos, além do auxílio de uma boa agência ou junta missionária, com certeza produzirão novo talento. Geralmente a frieza por missões acontece por causa da rotina.

O mais importante é que a Igreja seja conscientizada de que sua missão no mundo é integral. Evangelizar não é simplesmente distribuir folhetos como alguns pensam, mas sim, atender o indivíduo na totalidade de suas necessidades. Por isso mesmo, a Igreja nunca deveria deixar se levar pela prática do paternalismo e assistencialismo momentâneo, porém, deveria partir

sempre para uma ação social transformadora, do indivíduo e da sociedade, para a honra e glória de Deus Pai. 'Cada igreja deve refletir sobre sua motivação em praticar evangelismo e ação social, e todas as atividades nestas direções devem estar debaixo do serviço a Deus em primeiro lugar'. BARRO, sem data, pp. 5.

2.3.2. A proposta de Amós.

O que Amós propõe e pretende é a conversão do indivíduo, uma sociedade fraterna, justa sem diferenças de classe. O que o profeta desejava era ver o povo unido, como estava antes de o comércio estrangeiro e o culto pagão destroçarem tão gravemente a sociedade de Israel.

Por isso, ele desejava uma fraternidade entre os homens onde não existissem crueldades, onde ninguém se faça maldade o próximo ou abusasse dele. Ele pedia uma vida social na qual os indivíduos fossem justos e honrados e ajudassem ao próximo em vez de acumular riquezas á sua custa abstraindo a questão se essa sociedade existiu em algum momento na forma ideal em que parece concebê-la o profeta. Sociedade em que não exista o tremendo luxo das classes altas de Samaria, porque a Aliança exige compartilhar com o próximo ou, pelo menos, dar-lhe oportunidade de conservar o que conseguiu adquirir.

2.3.3. Justificativa do conceito de justiça social.

A missão integral da Igreja é basicamente evangelização e ação social. Disse-se basicamente porque a missão integral da Igreja é na verdade universal. Abrange vários aspectos. Evangelizar é a sua qualidade primordial. A Igreja que troca a evangelização por qualquer outra responsabilidade social está fora do propósito, portanto, descaracterizada como igreja de Jesus Cristo. Por outro lado, que nenhuma igreja pense ser mais espiritual porque optou pela evangelização. Pode se concordar que uma igreja possa fazer uma opção temporária entre evangelizar e assistir ao necessitado, mas nunca uma opção permanente. A verdadeira espiritualidade do povo de Deus se expressa em sua integralidade. A mesma igreja que proclama as boas novas do Reino deve ser a mesma que auxilia ao necessitado.

Missão integral é uma realidade bíblica. Os mitos não fazem sentidos quando são resultados simples de um reducionismo evangélico, polarização entre evangelização e ação social é quando se deixa de contemplar o indivíduo em sua totalidade.

Si se procura mostrar o ensino bíblico, então se deve desejar por uma Igreja brasileira autêntica, que não seja ela mesma um mito, mais a realidade bíblica de uma missão integral em meio da sociedade.

Por conseguinte dizer que Amós não conta com uma possibilidade de futuro para o povo em sua totalidade é justo. Poder-se-ia objetar que pelo menos a classe dirigente carece de

futuro. E como é esta quem deveria converte-se, a conversão não desempenha papel algum na mensagem do profeta. De certo modo é verdade. Mais há um texto importantíssimo: o capítulo quinto, que ocupa o centro do livro, contém precisamente apelo à procura de Deus, concretizada na implantação da justiça.

Enfim, dizer que Amós só fala das injustiças para justificar o castigo de Deus parece inadequado. Às gerações posteriores interpretaram suas palavras como sério apelo à implantação da justiça. Negar esse aspecto implica mutilar o texto e fechar-se ao dinamismo da palavra de Deus.

3. A MISSÃO DA IGREJA.

Em virtude de ter adquirido fontes que provem à existência de escravidão na cidade de São Paulo, é difícil negar que não há uma tarefa para a Igreja, visto que, após ter conhecido que este é um fato social injusto, dentro dos padrões de justiça tanto na sociedade como diante de Deus.

Além de ser uma tarefa de ação social, cabe destacar que ao mesmo tempo é cumprir a missão de evangelizar, sabendo que a Igreja poderá dar uma orientação de direito da cidadania, usando recursos de educação, para essas pessoas oprimidas por uma sociedade egoísta e individualista.

3.1. A Missão da Igreja para com a Sociedade.

Uma das questões mais cruciais da missiologia é a definição do próprio conceito de missão. Muitos poderiam perguntar e até responder de diferentes maneiras, partir de diferentes pressupostos e compromissos teológicos. Uma antiga abordagem foi o debate em torno de evangelização e civilização. Hoje é mais comum falar-se em evangelismo e responsabilidade social. Diferentes autores do século XX, têm procurado expressar a missão da Igreja em termos de desenvolvimento, presença cristã, diálogo inter-religioso, justiça, paz, diaconia e outros conceitos.

Certamente, este é um assunto controvertido, mas também sumamente importante para a Igreja e para os cristãos individualmente. É difícil que a igreja seja o que de ser e faça o que deve fazer, se não tiver uma clara compreensão acerca do seu propósito na sociedade e no mundo.

A seguinte análise, começa com um retrospecto histórico da discussão missiológica protestante na América Latina. Escobar¹⁵ tem defendido um conceito de Missão que é ao mesmo tempo bíblico e evangélico, contextual e sensível, às complexas realidades espirituais, políticas, sociais e econômicas da América Latina. Criticando os modelos missionários reducionistas ou dicotômicos, ele propõe um programa que implica em levar o Evangelho Integral ao ser humano integral, na amplitude de suas necessidades e relacionamentos.

¹⁵ Samuel Escobar, um dos mais destacados missiológicos evangélicos contemporâneos da América latina, Ele têm um profundo conhecimento da situação religiosa, social e política da América Latina, é um teólogo, escritor e orador extremadamente articulado e criativo, têm sido professor em instituições teológicas norte-americanas, o que o coloca numa posição privilegiada para falar a uma audiência mais ampla e levar ao primeiro mundo uma valiosa perspectiva do terceiro mundo acerca de missões

Tendo vivido em um período de grande turbulência na história latino-americana, marcado por injustiça e opressão generalizada, violência política, golpes militares, regimes ditatoriais e caos sócio-econômico, Escobar e alguns colegas sentiram que não era suficiente pregar um evangelho puramente espiritual. Para ele, o evangelho tem relevância para a totalidade da vida. A Igreja deve proclamar Jesus Cristo como Salvador e Senhor, porque os seres humanos carecem tanto de reconciliação com Deus, quanto de dignidade e integridade em sua vida neste mundo, individualmente e como membros da sociedade. O evangelho tem implicações sociais e políticas revolucionárias que não podem ser omitidas.

Conseqüentemente, Escobar tem um profundo interesse por missões. Como pastor, líder de movimentos estudantis, professor e teólogo, ele sempre se interessou pela missão da Igreja, especialmente em um contexto de pobreza e sofrimento. Para ele, a mensagem bíblica em geral, e os ensinamentos e o ministério de Jesus em particular, mostram o interesse de Deus por todas as necessidades humanas, e a Igreja deve partilhar desse interesse de Deus. Escobar considera sua tarefa, articular essa missiologia holística e inspirar outras pessoas quer sejam: estudantes, pastores, leigos e líderes cristãos a compartilhar essa visão.

No Congresso Mundial de Evangelização (Berlim, 1966), Escobar estava entre os muitos líderes do terceiro mundo que falaram enfaticamente em prol das Igrejas nativas.

Ele exortou os missionários a superar a mentalidade paternalista, imperialista e colonialista, a fim de permitir o surgimento de igrejas nativas alicerçadas na fé, dotadas de uma liderança nacional bem treinada, e capazes de atuar eficazmente em seu contexto local.

No entanto, o principal fórum internacional em que se ouviu a voz de Escobar foi o Congresso Internacional de Evangelização Mundial (Lausanne, 1974). Se observou que: as apresentações e discussões de Lausanne, mostraram um espírito de abertura, uma diversidade de perspectivas e profundidade de análise, jamais alcançadas anteriormente, em uma assembleia evangélica. Uma das grandes influências nas deliberações do congresso veio através das contribuições de oradores do terceiro mundo. O impacto de líderes como Samuel Escobar e C. René Padilla, através do grupo de Discipulado Radical, foi de especial importância.

Enquanto que a orientação teológica de Lausanne permaneceu firmemente evangélica, acentuando a autoridade da Bíblia, a singularidade de Cristo e a necessidade da evangelização, ela também produziu algumas mudanças bem-definidas na teologia evangélica de missões. O Pacto de Lausanne foi muito além das declarações evangélicas tradicionais, demonstrando que o evangelismo bíblico é inseparável da responsabilidade social, do

discipulado cristão e da renovação da Igreja. Lausanne abordou o tema abrangente da evangelização mundial, referindo-se com isso ao ministério e à missão total da Igreja.

Em seu capítulo sobre a “*Responsabilidade Social Cristã*,” o Pacto de Lausanne declara:

‘Afirmamos que Deus é tanto o Criador como o Juiz de todos os homens’. Portanto, devemos partilhar da sua preocupação com a justiça e a reconciliação em toda a sociedade humana e com a libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, não importa qual seja a sua raça, religião, cor, cultura, classe, sexo ou idade, tem uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Também aqui, manifestamos o nosso arrependimento, tanto pela nossa negligência quanto por às vezes termos considerado a evangelização e a preocupação social como mutuamente exclusivas.

Embora a reconciliação com o ser humano não seja o mesmo que a reconciliação com Deus, nem a ação social seja evangelismo, nem a libertação política seja salvação, todavia afirmamos que tanto a evangelização como o envolvimento sócio-político, são parte do nosso dever cristão”. ESCOBAR, 1970, pp. 22.

No âmbito continental, Samuel Escobar teve uma importante participação no Primeiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE I⁶, Bogotá, 1969), planejado em resposta a pedidos de delegados latino-americanos presentes no Congresso de Berlim, três anos antes; vinte nove Dentre os vinte oito discursos principais, a sua apresentação sobre a responsabilidade social da igreja recebeu a atenção mais entusiástica. Ele argumentou eloqüentemente que tanto a evangelização quanto a ação social são necessárias para o testemunho cristão. Também afirmou que existe base suficiente na história da Igreja e nos ensinamentos da Palavra de Deus para afirmar categoricamente que a preocupação pelo aspecto social do testemunho evangélico no mundo, não é um abandono das verdades fundamentais do Evangelho; pelo contrário, é levar às suas últimas conseqüências os ensinamentos a respeito de Deus, de Jesus Cristo, do Homem e do Mundo, que formam a base desse Evangelho. Sustentamos que uma evangelização que não toma conhecimento dos problemas sociais e não anuncia a salvação e a soberania de Cristo, dentro do contexto no qual vivem os que a ouvem, é uma evangelização defeituosa, que trai o ensino bíblico e não segue modelo proposto por Cristo.

Finalmente, Escobar alerta os cristãos evangélicos, para a necessidade de um constante processo de encarnação e contextualização que rejeita toda e qualquer forma de paternalismo e discriminação, a partir da sua própria comunidade local. Ele enfatiza a necessidade de uma espiritualidade profunda, aliada a uma preocupação igualmente intensa, com as exigências éticas do evangelho, e conclui com uma análise do modelo missionário de Paulo, e sua

notável interação entre reflexão e ação missionária.

Ao mesmo tempo em que enviavam pregadores do evangelho, para todos os quadrantes do mundo, as igrejas e cristãos individualmente, estavam na vanguarda de movimentos em prol da extinção do tráfico negreiro, da abolição da escravatura, da reforma das prisões, da luta contra o trabalho infantil, do combate ao alcoolismo e de tantas outras causas nobres. Infelizmente, no início deste século, as disputas teológicas tão bem exemplificadas pela controvérsia modernista-fundamentalista nos Estados Unidos, produziram a concepção dicotômica da Missão da Igreja que hoje observamos. Os conservadores em grande parte, aferraram-se à idéia de que a missão exclusiva da Igreja é a evangelização, tendo como alvo a conversão individual, ao passo que os liberais, poucos afeitos à pregação do evangelho, optaram decididamente por atividades de cunho social.

Samuel Escobar e seus companheiros da Fraternidade Teológica Latino-Americana fizeram um esforço sério no sentido de apresentar uma alternativa a essa teologia que fosse bíblica, evangélica e igualmente radical em suas implicações. Eles demonstraram que as igrejas podem permanecer fiéis às suas convicções históricas e ao mesmo tempo adotar uma postura ousada e coerente em relação aos problemas sociais.

3.1.1. Missões, Tarefa da Igreja Local.

Deus usa vidas para o cumprimento dos seus propósitos. Em Sua soberania e sabedoria, decidiu organizar um Povo, por meio do qual executaria Seu Plano de espalhar Sua glória a todas as nações, lê-se em alguns textos da bíblia para poder entender melhor isso:

Na chamada de Abrão, Deus prometeu abençoar todas as famílias da Terra, por intermédio do povo de Israel.

Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e de casa de teu pai, e vai para tua terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra (Gn 12.1-3).

Observa-se que neste versículo, Deus está chamando Abrão para, por meio dele, formar a Sua nação especial, com o fim de usá-la para abençoar os outros povos da terra. Deus organizou a nação de Israel, com propósitos missionários. Ele queria abençoar todas as nações e usaria Israel para isso; mas infelizmente, o povo não percebeu esse propósito.

¹⁶ CLADE I, é o Primeiro Congresso Latino-Americano de Evangelização, que se realizou em Bogotá, Colômbia, no ano 1969.

Antes de constituir Israel como nação, dando-lhe os Dez Mandamentos, Deus deixou claro o seu propósito este povo, Israel deveria ser um reino sacerdotal.

Agora, pois, se diligentemente ouvires a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos: porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel (Ex 19.5-6).

Sabe-se que o sacerdote é um intermediário entre Deus e o Homem. Como reino sacerdotal, Israel deveria ser o meio das bênçãos de Deus para todas as outras nações.

Entende-se que eles foram libertos do cativeiro egípcio, para assumir a posição de povo especial, propriedade particular de Deus, mas sempre com propósito de que fossem sacerdotes e ministrassem diante de outras nações. A função sacerdotal é de mediação entre Deus e os homens, e nisso se demonstra claramente a tarefa missionária do povo de Israel.

Deus abençoava o povo de Israel com propósitos missionários. O salmista diz que receberam as bênçãos do Senhor, para que se conheçam na terra o Seu Caminho e a Sua Salvação.

“Seja Deus gracioso para conosco, e nos abençoe, e faça resplandecer sobre nós o Seu rosto, para que se conheça na terra o Seu caminho; em todas as nações, a Sua salvação” (Sl 67.1).

Por tanto, quando o povo de Deus recebia bênçãos, não se tratava simplesmente de conforto pessoal ou somente de uma demonstração de amor de Deus; acima de tudo, estava o propósito missionário de Deus.

O povo de Israel era o instrumento para espalhar a glória de Deus.

Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, todas as terras. Cantai ao senhor, bendizei o seu nome; proclamai a sua salvação, dia após dia. Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos as suas maravilhas (Sl 96. 1-3).

Neste salmo, Deus está ordenando ao seu povo que anuncie a Sua glória entre as nações e as Suas maravilhas entre todos os povos. Segundo Queiroz¹⁷, pensou que a obra missionária apenas era tão somente com a salvação das vidas; mas, analisando bem a Palavra de Deus, viu em outro propósito, que é a glória de Deus sendo conhecida por todos os povos. Deus quer ser

¹⁷ Queiroz, Edison é fundador e presidente do ministério Atos 1:8 em Ação (mobilizando igrejas para o cumprimento da Grande Comissão), presidente da Comissão de Missões da AEvB (Associação Evangélica Brasileira) e diretor do departamento de Promoção Pastoral da COMIBAM (Comissão Missionária Ibero-Americana) Internacional.

glorificado em todo o mundo, e a melhor forma de isso acontecer é por meio da salvação de muitas vidas.

Infelizmente o povo de Israel falhou no seu propósito missionário; eles não perceberam que Deus os organizou, para abençoar todas as nações e até hoje os israelitas pensam que as bênçãos de Deus, lhes são exclusivas.

Deus decidiu organizar um novo Povo, (Ap. 13:8) que é a Igreja no Novo Testamento, à qual designou a mesma tarefa missionária.

Na carta aos Efésios, o apóstolo Paulo afirma que Deus está organizando um novo povo:

‘Porque ele é nossa paz, o qual de ambos fez um; e tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse em si mesmo um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade’ (Ef 2. 14-16).

Essa fusão, de judeus e gentios, é a Igreja, que tem a responsabilidade missionária de tornar conhecida a sabedoria de Deus, ‘para que pela Igreja, a multiforme sabedoria de Deus, se torne agora conhecida dos principados e potestades nos lugares celestiais’. (Ef 3:10),

3.1.2. Igrejas Evangélicas na Cidade de São Paulo.

Através de pesquisas, se sabe que existe na maioria dos bairros em que moram os Bolivianos, uma variedade de Igrejas evangélicas, geralmente Igrejas pertencentes a Assembléia de Deus, e pode-se também constatar que estas são as que em sua maioria abrigam os ministérios hispânicos.

3.2. Igrejas Evangélicas que estão trabalhando com Bolivianos.

Através de pesquisas se constatou que os imigrantes bolivianos geralmente se encontram vivendo em regiões no centro da capital de São Paulo, como também uma grande parte estão concentrados nas Zonas, Leste e Norte da capital Paulista.

Podemos destacar os bairros do Brás, Bom Retiro, Pari, Belenzinho, Casa Verde, Guarulhos, Vila Maria Alta e Baixa, Jardim Brasil, Vila Guilherme, Penha, nos quais se verificou também, a existência de várias Igrejas Evangélicas. No Brás, encontramos a Primeira Igreja Batista do Brás, situada à Rua Major Otaviano, 363, e ali se pode constatar que conhecem a atual situação dos imigrantes bolivianos, e até já tiveram a oportunidade de

trabalhar um pouco com eles no ano de 2003, porém não deram continuidade ao trabalho, os motivos não foram revelados.

A Igreja Assembléia de Deus do Bom Retiro, situada à Rua Alfonso Pena, 560, acolheu aos Bolivianos, criando um ministério Hispânico, e que está sendo levado a efeito até os dias atuais. Outro exemplo é o da Congregação Hispânica Batista no Pari, situada à Avenida Carlos de Campos, 605, um ministério que foi criado pela Igreja Batista da Liberdade, tendo em vista a realidade da existência de um grande numero de bolivianos em sua região, viram a necessidade de criar um ministério específico, onde pudessem se reunir e fazer “seus” cultos em sua língua e costumes.

No Bairro do Belenzinho, encontramos a Igreja Batista Unida do Brás, situada à Rua Waldemar Dória, 44. Essa Igreja por sua vez, também está desenvolvendo um trabalho com imigrantes Bolivianos, e criaram uma congregação de Hispânicos. Porém, foram além do evangelismo, e se aprofundaram um pouco mais na situação desse povo. Posteriormente se comentará como se dá este envolvimento. No bairro da Casa Verde, também existiu um Ministério Batista Hispânico, criado pela Congregação Hispânica do Pari, porém também este não teve continuidade, os motivos são desconhecidos. Em Vila Maria, existem duas congregações hispânicas, uma na Praça Rio Brillhante, 28, e a outra na Rua da Gávea, 406. As duas trabalham de maneira independente, porém foram criadas pela Igreja Assembléia de Deus de Vila Maria, Ministério Madureira. No Jardim Brasil, existe ainda, outro trabalho criado pela Igreja Assembléia de Deus Ministério Belém, denominado Ministério Hispânico Assembléia de Deus do Jardim Brasil. Destaca-se ainda a existência de outro Ministério Hispânico Batista, o da Penha, situado à Rua Caquito, 222, criado pela Primeira Igreja Batista da Penha. Todos estes ministérios foram criados pelas Igrejas a fim de dar acolhida, a essas pessoas, visto que a presença de imigrantes Bolivianos pelo bairro era bastante expressiva. O exposto acima é o resultado de pesquisas feitas com brasileiros, membros das Igrejas mencionadas, como também com os Bolivianos, que por essas Igrejas foram acolhidos.

Há uma diferença entre todos estes Ministérios e Congregações, cada qual com sua peculiaridade e maneiras próprias, mas todos comprometidos com a Missão de evangelizar os povos. Entre esses ministérios, tem se destacado o da Igreja Batista Unida do Brás. Ali encontram-se um casal de brasileiros, membros dessa Igreja e muito envolvidos com a comunidade de Bolivianos. São eles o irmão Horacio Monteiro e sua esposa irmã Sueli. Duas pessoas que, além de os evangelizar e acolher, se dispuseram a conhecer mais de perto a real

situação dos Bolivianos, motivo pelo qual, se mobilizaram para realizar uma variedade de trabalhos, voltados também à área social.

Esse trabalho dividiu-se em três áreas: evangelismo, saúde, e desenvolvimento social. Tenhamos uma noção de como esse trabalho é desenvolvido.

3.2.1. Fazendo Evangelismo.

O primeiro passo dado pela Igreja, foi formar um grupo de irmãos brasileiros, sob a liderança desse casal, para dar suporte aos primeiros Bolivianos que ali chegaram, até estes tivessem seu próprio espaço, onde pudessem ter suas reuniões. O numero de pessoas foi crescendo, assim como, o interesse dos irmãos. Com o total apoio do Pastor Paulo Darcio P. Baptista, bem como da Igreja local, o trabalho teve continuidade. O irmão Horacio e a irmã Sueli estão na liderança do grupo desde seu início, e ao conhecerem mais de perto a realidade da vida dessa numerosa comunidade, que por diversas motivos escolheram o Brasil, mais propriamente São Paulo, como seu segundo lar, continuam acolhendo a cada boliviano que chega aquele local, pregando, amando e cuidando de cada um. Segundo o relato da irmã Sueli, foi muito triste e comovente, constatar a cruel situação em que vivem esses irmãos. Junto com seu esposo, tem se esforçado e empenhado, na evangelização e no discipulado, tendo em vista promover o crescimento do numero de Bolivianos salvos por Cristo no Brasil.

3.2.2. Atendendo a Necessidade de Saúde dos Bolivianos.

Nesta área em houve uma preocupação especial. Com as visitas feitas e a diversas famílias, o casal começou a vivenciar as condições de saúde, trabalho e moradia, esta em particular bastante precária, e sendo assim, desenvolveram uma campanha especial em prol da saúde, que foi denominado: “Proyecto Ibug! Vida com Salud!”, onde separaram um dia para dar atendimento médico, odontológico, nutricional, legal, etc, a toda comunidade boliviana e não apenas aos que freqüentam regularmente a Congregação.

Com a ajuda de profissionais das áreas de saúde, entre eles as irmãs Luciana Garcia Lauretti e Joelma Paes, enfermeiras e membros da Igreja, montaram para esse dia um esquema de atendimento, usando as dependências da Igreja e da Congregação que hoje está situada à Rua Dr Carlos Guimarães 185, e que da “fundos” com a Igreja Mãe. Dividiram as salas disponíveis, por área de atendimento, da seguinte maneira: três salas funcionaram como consultório de Clínico Geral, Pneumologia e Pediatria, onde todos foram atendidos,

gratuitamente, por médicos, em sua maioria membros da Igreja, que doaram parte de seu tempo ali. Uma sala serviu de consultório para dois dentistas, outra sala, para agendamento das consultas, outra para evangelismo, e esta foi chamada, “Saúde para o Coração”. Uma sala para a equipe de nutrição, que ensinava de maneira interessante e prática a necessidade de uma alimentação correta, utilizando alimentos de baixo custo. Em outra sala se aprendia ginástica laboral, e era mostrado de maneira prática, com o uso de uma máquina de costura, a necessidade de fazer exercício, já que passavam grande parte do dia, sentados diante das máquinas. Uma sala de Saúde do Homem, onde se ensinou sobre saúde, prevenção e higiene sexual. Duas salas dedicadas ao atendimento das mulheres, com a presença de Ginecologistas e uma equipe de profissionais de enfermagem e BioMédica, sendo uma, para a realização do Papanicolau e Auto Exame de Mamas, e a outra para palestras sobre métodos contraceptivos, higiene e prevenção. Todo este grande movimento foi acompanhado de literatura específica para cada área e todo material informativo foi feito em espanhol, e assim ao final de todo o ciclo de atendimento cada pessoa tinha em mãos uma pasta com vasto material educativo, Kits de Higiene, brindes e um lanche especialmente preparado com produto utilizado na aula de Nutrição. Por último ficava a sala do Serviço Social, onde todos depois eram “obrigados”, a passar para obter os encaminhamentos para as UBS Unidade Básica de Saúde, devidamente assinados por uma Assistente Social de plantão e receber a medicação prescrita se fosse o caso. Fizeram desse dia, que era muito trabalho para os brasileiros, um momento de descanso para os hispânicos que por ali passaram. Para realizarem tudo isso, previamente foi feita uma pesquisa, onde usaram um questionário de saúde para os adultos, e outro para crianças, o que contribuiu, com certeza, para o reconhecimento das necessidades mais prementes de cada família, e assim, poder atendê-los nessas áreas.

Segundo o relato de vários irmãos que participaram do evento, o trabalho foi um grande sucesso, e proveitoso para muitos Bolivianos que por sua vez, desconheciam muitas informações ali prestadas e que também, dificilmente, teriam acesso a um atendimento desse tipo.

3.2.3. Ajudando no Desenvolvimento Social.

A área que mais dificulta o relacionamento e a comunicação no meio social é a língua. O idioma se constitui em um fator importante, e extremamente limitador, para qualquer estrangeiro, por isso a grande maioria, no caso específico dos bolivianos, não consegue ambientar-se facilmente, e optam então por depender do patrão, chefe ou encarregado deles.

Para conseguir entender as dificuldades do povo e poder ajuda-los, a irmã Sueli e o irmão Horacio tiveram que aprender o espanhol e ter uma convivência continua com eles para conhecer mais de perto seus costumes e ao mesmo tempo seus problemas. Ela conta que visitaram várias famílias, para saber como realmente viviam, e que o resultado obtido foi muito triste, porque viram mais de perto, a situação crítica em que se encontravam. Eles continuam no trabalho e são como pais para os Bolivianos, que ganharam muito carinho deles. O envolvimento se deu de tal maneira que não apenas comem, mas, gostam da comida típica boliviana, almoçando com eles na maioria dos domingos após o culto. Há pouco mais de 6 meses, eles convidaram um outro casal, Sergio e Heliane juntamente sua família, para atuar ali, e estes estão ajudando no cuidado das crianças, sendo agora responsáveis pela EBD, e também um adolescente brasileiro de nome Vinicius que participa ativamente na área de louvor dando apoio ao Ministério de Louvor formado entre os bolivianos. Essas pessoas que se agregaram, poderiam ser chamadas de uma equipe de missões, pois estão trabalhando com muito carinho, e são constantes no trabalho.

Logo depois ter comentado o assunto com os irmãos Horacio e Sueli, estes disseram que pretendem com a ajuda de Deus, alcançar mais Bolivianos com o Poder Salvador e transformador da Palavra de Deus, e que a tarefa que eles estão empreendendo e lhes foi confiada pela Igreja a que pertencem, não acaba aí, porque entenderam que a necessidade de ser alcançado pela Graça de Deus, seja para brasileiros ou bolivianos, é patente e sempre será atual, portanto darão continuidade ao trabalho realizado pela Igreja Local, enquanto Deus permitir. Pretendem ainda, aprimorar a assistência medica, dentre as várias ações implantadas já esta agendado para Março de 2008 a realização do 2º Proyecto IBUB, Irão investir na prevenção e melhoria das condições de vida e trabalho, principalmente das famílias com muitas crianças.

O casal se acha satisfeito e muito abençoado com o trabalho que está realizando, porém não escondem sua indignação com a realidade de muitos irmãos bolivianos, “sempre carinhosamente mencionados”, e da vida crítica e precária que levam.

A Igreja local como um todo e esses irmãos em particular, entenderam qual realmente é o papel da Igreja nesses casos de injustiça social. Ajudar ao necessitando, lutar pela justiça do ser humano, e sobre tudo agradecer a Deus já que e o mandado de Deus para sua Igreja.

3.3. Jesus e sua missão social.

O Antigo Testamento está repleto de preceitos, instituições e narrativas referentes ao assunto. As figuras do pobre, do órfão, da viúva e de outras pessoas em situação de fragilidade e desamparo, povoam as Escrituras Hebraicas. A lei de Moisés, continha dispositivos que iam além, do mero atendimento de necessidades imediatas, criando condições para que houvesse maior justiça e menor desigualdade na sociedade de Israel. São exemplos disso a Lei da Rebusca (Lv 19:9-10; 23.22; Dt 24:19-21) e o Ano do Jubileu (Lv 25:8-34). Quando se chega à literatura profética, em especial, aos chamados “profetas éticos” do Século Oitavo antes de Cristo (Isaías, Oséias, Amós e Miquéias), a justiça, a misericórdia e a generosidade no trato com os sofredores se tornam um tema dominante, quase que onipresente.

Jesus retomou e aprofundou essas preocupações. Numa época em que a religiosidade judaica, havia se cristalizado em torno de três práticas formais: as esmolas, a oração e o jejum. O Senhor corrigiu algumas distorções vigentes, ensinando que a prática da caridade devia ser humilde, desinteressada e motivada pelo amor (Mt 5:7; 6:1-4; 7:12). Ao anunciar o evangelho do reino, ele apontou como uma de suas principais características, a sensibilidade diante da dor alheia e a prontidão em assistir os desafortunados. Ele mostrou isso de modo magistral através de alguns de seus ensinamentos mais apreciados, como por exemplo, a parábola do Bom Samaritano (Lc10:30-37) e a inquietante história do Grande Julgamento (Mt 25:31-46).

Na mente das primeiras gerações de cristãos, ficou a imagem de Jesus como alguém que passou pelo mundo fazendo o bem (At 10:38). O ensino apostólico colocou a beneficência no centro da vida cristã – a misericórdia ou benignidade é um dos dons espirituais é um fruto do Espírito (Rm 12:8; Gl 5:22); deve-se fazer o bem a todos, a começar dos irmãos em Cristo (Gl 6:9-10); a solidariedade deve ir além das meras palavras ou boas intenções, para manifestar-se em ações concretas (Tg 2:15-16; 1 Jo 3:17-18). A instituição do diaconato, uma classe de oficiais voltada especificamente, para a assistência aos necessitados, testifica sobre a importância desse aspecto da vida cristã.

O instrumento de Deus, para atingir seus propósitos na terra, é a Igreja. Quando Jesus estava executando seu ministério, tinha como objetivo, deixar uma organização que desse, continuidade à obra de Deus na terra, e essa organização é a Igreja.

“Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18).

“Jesus disse: “edificarei a minha Igreja”, Portanto esta é o instrumento de Deus para a realização da obra missionária, a responsável pela seleção, pelo treinamento e pelo envio do missionário.

Antes de subir aos céus, o Senhor deixou a ordem mais importante aos seus discípulos: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura (Mr 16.15). Fica claro, que o propósito de Deus para a Sua Igreja é a evangelização do mundo”.

Por tanto, o Plano de Deus para o Seu povo, em nosso caso, a Igreja, é a evangelização do mundo. Deus não escolheu outro meio, para espalhar a mensagem do evangelho e salvar vidas no mundo, a não ser pela Igreja.

3.3.1. Os cristãos e a responsabilidade social

De acordo como historiador Alderi Souza de Matos¹⁸, na maior parte da história da Igreja, os cristãos entenderam que o socorro aos sofredores, era uma parte importante da sua vocação no mundo. Eles não acreditavam que havia qualquer conflito entre essa preocupação e outros interesses da vida cristã. As diferenças, quando existiam, referiam-se a questões secundárias, como por exemplo que tipo de pessoas deviam ser auxiliadas e os métodos a serem utilizados. Foi somente no século XX que o envolvimento social da Igreja, se tornou um pomo de discórdia, rompendo o consenso que havia imperado por longo tempo. Vale a pena considerar alguns aspectos dessa questão.

Os primeiros cristãos atribuíam grande valor à prática da misericórdia. A hospitalidade e as ofertas para fins caritativos eram generalizadas entre os fiéis.

Faziam-se coletas, regularmente, em benefício dos pobres ou de discípulos que enfrentavam dificuldades. Aqueles que estavam presos ou sofriam outros tipos de perseguição por causa da sua fé, eram objeto de especial interesse.

Quando surgiam epidemias, os fiéis não deixavam de dar assistência aos enfermos e de sepultar os mortos. As viúvas, os órfãos, os enfermos, os deficientes e as crianças, recebiam especial cuidado. Os cristãos rejeitavam firmemente o aborto e o infanticídio.

Em períodos de grave conturbação social, como nos estágios finais do Império Romano, a Igreja, era a única instituição que estava preparada para ajudar as populações afligidas pela guerra, pestilências e catástrofes naturais. Um desdobramento preocupante ocorreu ainda no período antigo e se aprofundou na Idade Média – o entendimento de que a pobreza e a caridade tinham um valor meritório diante de Deus. Isso acabou desvirtuando as motivações que levavam muitas pessoas a se desfazerem dos seus bens e a socorrerem os necessitados. Além disso, uma atitude fatalista em relação à pobreza involuntária impedia que os pobres

¹⁸ Alderi Souza de Matos, é doutor em história da igreja, pela Universidade de Boston, professor e historiador da igreja Presbiteriana do Brasil, mestre em Novo Testamento É um dos editores de Fides Refomata.

superassem a condição em que viviam. Apesar dessas mazelas, a história desse longo período atesta o profundo envolvimento dos cristãos, com o suprimento das necessidades dos seus semelhantes. O monasticismo desempenhou notável papel nesse particular, tendo como uma de suas principais atividades a assistência social.

Os reformadores protestantes questionaram o aspecto meritório da beneficência medieval, mas mantiveram a antiga ênfase na caridade cristã. Eles escreveram, ensinaram e pregaram amplamente sobre o assunto, bem como tomaram importantes iniciativas nessa área. Isso pode ser ilustrado pelas ações de João Calvino, o reformador de Genebra. Em sua vasta produção literária, particularmente em seus sermões e comentários bíblicos, ele abordou amplamente a temática social. Mais que isso, Calvino foi um grande incentivador do retorno do diaconato cristão às suas funções originais e destacou que a Igreja tem um papel profético, no sentido de denunciar os males sociais e exortar os governantes a promoverem o bem-comum, defendendo os pobres das agressões dos poderosos. Finalmente, ele apoiou pessoalmente duas importantes instituições caritativas de Genebra: o Hospital Geral e o Fundo Francês para os estrangeiros carentes.

Um aspecto interessante da história posterior do protestantismo é que os períodos de revitalização espiritual foram marcados por intensa preocupação social. Isso se deu com o pietismo alemão, com o puritanismo inglês e com os grandes despertamentos norte-americanos. Todos esses poderosos movimentos espirituais se voltaram intensamente para questões práticas como a educação, missões e beneficência. Esse consenso dos evangélicos, em torno da compatibilidade entre a vida espiritual, a evangelização e o serviço cristão, viria a ser questionado ao longo do século XX.

3.3.2. O evangelho social

O “Evangelho Social” foi um movimento de grande importância no protestantismo norte-americano, por cerca de cinquenta anos (1880-1930). Influenciado pelo liberalismo teológico, mas distinto do mesmo em vários aspectos, foi uma resposta à crise urbana, ocasionada pelo crescimento econômico dos Estados Unidos após a Guerra Civil. Seus principais teóricos foram: Washington Gladden, Josiah Strong e especialmente Walter Rauschenbusch 1861-1918, um Pastor batista e professor de seminário, cujo livro, “*O Cristianismo e a Crise Social*”, o tornou nacionalmente famoso em 1907. Outros livros seus foram: *Cristianizando a Ordem Social* (1912) e *Uma Teologia para o Evangelho Social* (1917).

O movimento pretendia dar uma resposta bíblica e cristã à situação de exploração e abandono, experimentada pelos trabalhadores e imigrantes que viviam nos cortiços das grandes cidades. Insistia em conceitos como: “a implantação do Reino de Deus na Terra” e a importância de uma “Sociedade Redimida”. Essas idéias, foram popularizadas no Brasil, pelo livro “*Em Seus Passos que Faria Jesus*” (1897), do Pastor congregacional Charles Sheldon, traduzido e publicado em 1902 pelo Rev. José Maurício Higgins. O evangelho social tendia a dar uma ênfase excessiva à transformação da sociedade, via a missão cristã no mundo, principalmente em termos de ação social, minimizava a piedade e a teologia tradicionais e tinha um otimismo, pouco realista, em relação ao ser humano.

Nessa mesma época, surgiu nos Estados Unidos um outro importante movimento – o Fundamentalismo – caracterizado por uma forte aversão ao Liberalismo. Por causa das ligações do evangelho social com a Teologia Liberal e suas ênfases diferentes do protestantismo conservador, os fundamentalistas rejeitaram, não só o novo movimento, mas a própria noção de envolvimento social, como algo incompatível com a vida cristã e a pregação do evangelho. A partir de então, os chamados, “evangélicos”, afastaram-se da área social em que haviam atuado por tanto tempo, ao lado de cristãos com outras convicções. Somente com o Congresso de Lausanne, na Suíça, em 1974, os evangélicos voltariam a interessar-se pela responsabilidade social.

A Teologia da Libertação foi um esforço de dar uma resposta cristã a uma situação análoga, porém em outro contexto: “a América Latina de meados do século XX”. Num período de grandes tensões, políticas, econômicas e sociais, em que populações inteiras experimentavam injustiças, opressão e exclusão social, teólogos católicos e protestantes, articularam uma nova teologia, centrada no conceito bíblico de Deus como libertador. Seus principais proponentes foram do lado católico, Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo, Jon Sobrino, José Porfírio Miranda, Hugo Assmann, Henrique Dussel e os irmãos Boff; do lado protestante, Rubem Alves e José Miguez Bonino.

A Teologia da Libertação, acabou sendo rejeitada por um grande número de católicos e protestantes, em virtude de algumas de suas ênfases principais: “a tendência reducionista de encarar o Reino de Deus, somente da perspectiva de libertação política e social, a utilização de categorias do pensamento marxista para analisar as realidades da América Latina, o apoio tácito ou explícito a movimentos da esquerda radical e o desprezo da teologia e piedade tradicionais, acusadas de serem alienantes. O Liberacionismo, acabou se esvaindo como movimento articulado, mas intensificou as reservas de amplos setores cristãos, quanto ao envolvimento com as causas sociais.

Entre os evangélicos, surgiu uma alternativa à Teologia da Libertação, o conceito de “Missão Integral”, representado pelos membros da Fraternidade Teológica Latino-Americana, como Samuel Escobar e René Padilla.

CONCLUSÃO

O trabalho que foi apresentado destaca o caso de injustiça social dentro de uma comunidade estrangeira, se soube que existe uma grande irregularidade com respeito aos direitos humanos, dentro dos padrões da lei, além de ser uma situação crítica, se conheceu como os meios de comunicação viram e se aprofundaram em conhecer mais de perto a situação de escravidão que os Bolivianos estariam enfrentando.

O abuso excessivo por parte dos patrões para com seus trabalhadores mantendo obrigados a ficar muitas horas de trabalho, pagando um custo baixo e não só isso, a injustiça maior deu para conhecer que na sua maioria não conhecem as leis Brasileiras.

Dentro da pesquisa tentou-se mostrar opiniões de grandes estudiosos na matéria como são o caso do Teólogo René Padilla, O historiador Samuel Escobar e até consegui-se fazer conhecer a situação vivida pelo profeta Amós dentro do seu contexto.

Através de Padilla foi conhecido que a injustiça social se vê enraizada em uma sociedade enferma como a denomina ele, um mundo onde o materialismo esta sendo o alvo para muitos é não só isso, atrás desta posição está o Espírito do Anticristo, que de maneira sedutora esta se envolvendo dentro do contexto eclesiástico, por isso e necessário que a Igreja fique alerta a fim de salva guardar o evangelho Bíblico.

A missão que a igreja tem com a sociedade, é a necessidade de realizar ação social frente a situações que pretender atropelar os direitos da humanidade, Assim como comentou o historiador Samuel Escobar que a evangelização como o envolvimento sócio-político são parte de nosso dever cristão, a situação demanda vigilância por isso a tarefa de todo cristão, não pode se limitada, existe motivos de empreender a grande tarefa de cumprir com a missão que Deus deixou na sua palavra.

Assim como Jesus exorto á seus discípulos a fazerem tudo com amor e não pela lei, assim, ficou entendido para aos cristãos que muito depende que a igreja entenda essa tarefa, para assim mostrar ao mundo o amor de Deus para com seus filhos.

Verificou-se através da Bíblia que existe uma missão para a igreja, uma tarefa desinteressada e motivada pelo amor (Mt 5:7; 6:1-4; 7:12), o qual testificará de alguma maneira o aspecto de vida cristã.

Em virtude do ensino bíblico, do exemplo de Cristo e das lições da história, os cristãos não podem ignorar o desafio social, em vista de saber que existem ao redor situações que de alguma maneira implicam com os cristãos, muitas pessoas pedindo serem ajudados,

comunidades que não conhecem o amor de Deus, pessoas que precisam ser evangelizados o alvo e levar às pessoas ao arrependimento para assim ser redimidos pelo sangue de Cristo.

Como a justiça social é uma das implicações do evangelho, evitar essa área traz sérias dificuldades para a consciência cristã e para o testemunho cristão. O fato de alguns movimentos, terem tido problemas nessa abordagem, que de fato não é pretexto para cumprir com a missão, não isenta os cristãos da sua responsabilidade. Ao contrário, num mundo afligido por tantas situações que atentam contra a vida, a dignidade e o bem-estar dos seres humanos, é mister que os cristãos redobrem os seus esforços no sentido de seguir os passos daquele que “andou pela terra fazendo o bem”.

O desafio está lançado, a proposta é realizar ação social não como obrigação mais como necessidade, sabendo que a liberdade de vida, o amor pelos outros e a satisfação de dever cumprido, são fatos que Deus deu a seu povo quando decidiu brindar o tempo de graça, no qual se vive.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

- BASEGIO, Luis. Jornal presença Latina em São Paulo das comunidades Latino-Americana, Edição n. 2 de nov/dic 2003.
- BASEGIO, Luis e Udovic Luciane. Jornal sem terra, edição 261.abril 2006.
- BARROS, Juliano. 'clandestinos preferem semi-escravidão à falta de opções da Bolívia', Edição 347 sep/oct 2006.
- ESCOBAR, Samuel. Responsabilidade Social cristã, 1970. Site: www.forumjovemdemissaointegral.org.br acessado 20/05/07, 20:56 hrs.
- GARDIM, Luciana. O estado de São Paulo, seleção diária de noticiais nacionais, 23/04/07.
- LINS, Camila. Universidade de São Paulo, trabalho de conclusão de curso. Site: www.usp.br acessado 20/05/07, 21:00 hrs.
- MORALES, Mauricio. Revista época edição 344, 20/12/2004. pp. 1 e 2.
- MERLINO, Tatiana. O jornal Brasil de fato. Site: www.midiaindependente.org.br acessado no 23/04/07. 15:00 hrs.
- MOURA, Helena. P.U.C, trabalho de conclusão de curso. Site: www.vestivular.pucsp.br acessado 20/05/07, 21:15 hrs.
- PADILLA, René. Missão Integral, Ensaios Sobre o Reino e a Igreja. Editora: Temática Publicações, 1992.
- PADILLA, René. Missão Integral na Teologia Contemporânea, Site: www.revistamissoes.org.br, 31/05/07, 16:00 hrs.
- QUEIROZ, Edison. A Igreja Local e Missões, 5º Edição Atualizada e Ampliada. Editora Vida Nova, 1998.
- SYDOW, Evanize. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, trabalho escravo no Brasil. Site: www.social.org.br , acessado 16/04/07. 16:30 hrs.
- SICRE, Jose Luis. A Justiça Social nos Profetas. Edições Paulinas, 1990.